CHUMBO GROSSO

MORTIMER CODY

# NÃO FALO, ATIRO!

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 115

TÍTULO: NÃO FALO, ATIRO!

TÍTULO ORIGINAL: ARGUMENTOS DE PLOMO

AUTOR: MORTIMER CODY

TRADUTOR: LUIZ NAVARRO

CAPA: BENÍCIO

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1995

PREÇO DA PUBLICAÇÃO: CR$ 1,80

PÁGINAS: 128

# CHUMBO GROSSO

# NÃO FALO, ATIRO!

**MORTIMER CODY**

**Tradução de:**

**LUIZ NAVARRO**

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

**EDITORA MONTERREY LIMITADA**
**Rua Visconde de Figueiredo, 81**
**Caixa Postal n 24119 – ZC-09**
**20550 – Tijuca – Rio de Janeiro**
**Fones: 248-7067 e 234-8398**
**----------**

**© EDITORA MONTERREY LIMITADA**
**MCMXCV Publicação no Brasil**
**Título original:**
**ARGUMENTOS DE PLOMO**
**Capa de: BENICIO**
**Editoração Eletrônica:**
**SEBASTIÃO TELES.**
**Impresso pela:**
**GRAFICA EDITORA LORD S.A.**
**Distribuído por:**
**FERNADO CHINGLIA**
**DISTRIBUIDORA S.A.**

**Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.**

# CAPÍTULO PRIMEIRO

*Queriam linchar aquele assassino*

Brian Watson levantou o braço direito.

— Alto, rapazes!

Seis homens, incluindo Watson, pararam seus cavalos. O sol, que àquela hora começava a desaparecer, projetava as sombras daqueles homens na areia seca da estrada. Exceto Curt Weiss, homem baixo e troncudo, os outros cinco eram altos, corpos fortes, peles queimadas e curtidas pelo sol e pelo vento, numa clara indicação do tipo de vida que levavam.

Naquele momento, os seis tinham os rostos sérios. Todos iam bem armados, com um revólver de cada lado do cinto, enquanto um potente rifle de longo alcance balançava, pendurado na alça da sela.

— Parece que eles estão em festa... — disse Ben. — E uma festa que eu não gostaria que fosse celebrada em minha honra...

Brian Watson olhou para o companheiro. Era certo o que ele dizia. Aquela turba vociferante, enfurecida, que se apertava em tomo de alguma coisa invisível desde lá de cima, podia ser explicada por um motivo: alguém ia ser linchado.

Watson estremeceu. Ele havia corrido grandes riscos, para conseguir chegar até Melwood e viera exatamente para

evitar que aquilo se concretizasse. Apertando os lábios, com um brilho de ódio no olhar, dirigiu-se a seus homens:

— Vamos! — murmurou, enquanto batia com o salto da bota nos flancos do cavalo e seus homens o imitavam.

Com um ligeiro galope, os homens aproximaram-se do compacto grupo de linchadores. Homens e mulheres se acotovelaram, para conseguir chegar mais perto da árvore onde estavam amarrando aquele jovem, tentando apreciar melhor o espetáculo.

Os gritos dos linchadores já chegavam aos ouvidos de Watson, produzindo estranhas e dolorosas vibrações. Era preciso impedir aquilo. Os seis aumentaram a velocidade do galope. Watson ia na frente, com sua cabeleira caindo sobre os ombros, olhos semicerrados, expressando todo o ódio que sentia contra aqueles sádicos habitantes de Melwood, enquanto suas mãos apertavam nervosamente o fino arreio.

Watson e seus homens sabiam que aquilo podia lhes custar a vida. Mas este simples detalhe pão era suficiente para detê-los. Watson, há algum tempo atrás, havia dito:

— Tenho de ir a Melwood!

— Ficou louco, Brian? Em Melwood há muita gente que nos conhece. Todos sabem que o governo oferece dois mil dólares pela cabeça de cada um de nós e cinco mil por você... acha que não haverá ninguém disposto a ganhá-los? É uma boa quantia...

Watson interrompeu, com um gesto de mão, os protestos de seus companheiros:

— Já disse que tenho de ir a Melwood. Preciso ir, compreendem? Além do mais, não pedi para ninguém me acompanhar. É um assunto meu, estritamente particular.

Brian, sem dizer mais nenhuma palavra, virou-se de costas, dirigindo-se ao seu cavalo, que pastava calmamente a poucos metros de distância. Montou lentamente. Aquele

homem forte, calmo, naquele momento, parecia carregar um enorme peso sobre seus ombros. Sem sequer olhar para seus amigos, Watson esporeou o cavalo, galopando em direção a Melwood.

Ben, Curt, Joe, “Caveira”, Mel e Happy entreolharam-se, consultando-se cm silêncio. Happy sorriu, como de costume, fazendo a pele curtida de seu rosto enrugar-se. Olhou para o local onde a sombra de Brian não era mais que um ponto no caminho, dizendo para seus amigos:

— Vou com o capitão Watson, rapazes... Não posso esquecer que lhe devo a vida. E, se puder ser útil agora...

Happy, sem esperar a resposta dos outros, fez o mesmo que Brian. Mas, antes que seu cavalo iniciasse a marcha, os outros quatro, encabeçados pelo pálido “Caveira”, já corriam para suas montarias.

— Nós também vamos. Watson foi o melhor capitão do exército confederado e é também nosso melhor amigo! Vamos!

Galopando furiosamente, não tardaram a emparelhar seus cavalos com o do capitão. Este sorriu, quase imperceptivelmente, ao ouvir o galope dos cavalos de seus homens. Sabia que eles não o abandonariam.

Quando os seis cavalos ficaram emparelhados, o ex-capitão confederado disse, sorrindo:

— Obrigado...

E agora os seis estavam em Melwood.

Alguns dos linchadores já os tinham visto, perdendo um pouco da animação. Os homens que estavam nas últimas filas, longe da árvore onde o prisioneiro seria linchado, pouco a pouco, de acordo com a passagem daqueles seis recém-chegados, iam deixando de gritar, parando de olhar o que aconteceria. Quase instantaneamente foi-se fazendo um silêncio sepulcral.

## — 8 —

Os seis homens, sobre os animais, com os olhos abertos e os músculos tensos, foram abrindo caminho por entre a multidão.

A uma breve ordem de Watson, Mel, Curt, Joe e "Caveira" ficaram para trás, guardando as costas dos outros. Enquanto isso, Watson continuava avançando no meio da multidão. Seu olhar frio e ameaçador era mais do que o suficiente para afastar qualquer homem de seu caminho. Nem todos os linchadores haviam entendido o que pretendia aquele homem e por isso olhavam-no, esperando que dissesse algo.

Brian parou em frente à árvore. Um sorriso amargo brilhou em sua boca, enquanto ele ordenava:

— Soltem este homem!

— Ei! O que você pretende fazer? — protestou alguém. — Este homem é um assassino e nós vamos linchá-lo!

Enquanto o sujeito falava, Brian aproveitou para dar uma olhada à sua volta, contemplando, aqueles rostos entre desejosos de continuar a cena sádica e temerosos do que lhes poderia acontecer.

O sujeito que protestava, vendo que Watson desviara o olhar, achou que aquele era o momento ideal para tirar o revólver. Rapidamente, abaixou o braço direito, esticando os dedos no coldre.

Mas Watson não era homem de descuidos. Antes que o traidor conseguisse puxar a arma, ouviu uma explosão e uma mancha vermelha apareceu em seu peito. Lentamente, com os olhos muito abertos e vidrados, o sujeito foi escorregando, até que ficou imóvel, no chão.

— Eu disse para soltá-lo! — repetiu Watson, dando ênfase às suas palavras com o enorme revólver fumegante que tinha nas mãos.

Agora, o ex-capitão confederado tinha o olhar fixo naquele rapaz que queriam linchar. Um acesso de ódio tomou conta de sua mente. Ele sentiu vontade de matar a tiros toda aquela gente que contemplava, pacificamente, a cena brutal.

O jovem continuava de pé, sustentado pelos braços de vários homens. Seu rosto era uma máscara sangrenta. Todo o seu corpo mostrava, por baixo das roupas semidestruídas, ferimentos e machucados recebidos há pouco. Quando os homens o largaram, seu corpo caiu como se fosse um boneco de pano e seu rosto chocou-se contra o chão, formando uma pequena poça vermelha.

Brian Watson desmontou, aproximando-se lentamente do jovem desacordado. Depois de examiná-lo e certificar-se de que estava vivo, o ex-capitão sorriu, aliviado.

Sem aparentar nenhum esforço, Watson pegou o corpo e começou a avançar para seu cavalo, no meio de um silêncio denso. Alguns rostos mostravam a contrariedade que todos sentiam, ao ver que seu espetáculo havia sido cancelado, na hora mais emocionante, mas ninguém ousou protestar. O nome de Brian Watson havia corrido de boca em boca e todos sabiam quem era Watson com um revólver na mão. Além do mais, ali mesmo estava uma mostra, um homem com o coração perfurado por um balaço.

Watson colocou' o jovem sobre o pescoço de seu cavalo. Suas costas, viradas para a multidão, eram uma verdadeira tentação... E isto deve ter sido o que alguém pensou. Justamente, um dos homens que estiveram segurando o rapaz, enquanto os outros o linchavam. O sujeito contraiu o rosto. Diante de seus olhos estavam as costas de Brian Watson... Cinco mil dólares, fama...

Sua mão desceu velozmente em direção ao coldre, sacando a arma. Um brilho de vitória apareceu em seus

olhos. Retesou os músculos para apertar o gatilho, mas... De muito longe, um estrondo chegou aos seus ouvidos. Alguém disparara na sua frente.

A cabeça do sujeito abriu-se como uma fruta madura, espatifada pelo balaço. Ao mesmo tempo, todo o seu corpo foi projetado para trás, pelo impacto do tiro. Quando suas costas bateram no chão, o homem não fez um só movimento. Estava morto.

Watson, com seu sangue-frio habitual, nem se moveu ao ouvir aquele tiro que passou muito perto de seu próprio corpo. Sua mente registrou um pensamento, que ele não chegou a pronunciar: “Bom tiro, Ben...”

Quando Brian montou, certificando-se de que o jovem estava bem seguro em cima de seu próprio cavalo, disse:

— Vamos, rapazes. Isto acabou saindo mais fácil do que eu esperava.

Em seguida, esporeando seus animais, os seis homens saíram dali. abandonando Melwood com a mesma tranquilidade com que haviam chegado. O primeiro a abandonar o local foi o próprio Watson. Não se deu ao trabalho de olhar para trás, ou tomar qualquer precaução. Sabia que estava bem protegido. “Caveira”, Mel, Curt e Joe ainda dispararam várias vezes sobre a multidão, fazendo com que os decepcionados linchadores corressem em todas as direções.

Os olhos do ex-capitão confederado estavam fixos no corpo daquele jovem que carregava em seu próprio cavalo. Subitamente, ele teve de puxar as rédeas com violência, fazendo uma estranha manobra, para evitar passar por cima daquela mulher, que, como uma louca, havia se colocado bem diante do caminho dos seis cavaleiros.

— Afaste-se, estúpida! — gritou Brian, enfurecido.

## — 11 —

Apesar disso, quem se afastou rapidamente foi ele, para evitar de ser alcançado por aquela serpenteante tira de couro que buscava seu rosto. O chicote estalou, perigosamente, a poucos centímetros de sua cabeça. Watson, mais surpreso do que assustado, olhou para aquela jovem, que queria manobrar mais uma vez o enorme chicote de couro que tinha nas mãos.

— Assassinos! — gritou a bela jovem, furiosa. — Eu mesma os matarei...! — continuou ela, com um brilho homicida no olhar.

Watson reagiu a tempo. Antes que aquela mulher conseguisse manobrar novamente o chicote. Ela devia ser uma mestra no uso daquela arma, mas não foi veloz o bastante para impedir que Brian sacasse seu revólver, disparando uma única vez.

A garota ficou boquiaberta, contemplando o pequeno pedaço de couro que tinha nas mãos. Do enorme chicote que possuía poucos minutos antes, só restava um pedaço do cabo, pois o resto fora cortado pelo tiro certeiro de Brian Watson.

Watson, sem desviar o olhar, depois de guardar sua arma, esporeou o cavalo, passando ao lado da jovem. Atônita, esta ficou alguns segundos em silêncio, até que estourou num choro convulsivo.

Com o peito arfando enquanto soluçava, a moça nada pôde fazer, enquanto aqueles cinco homens passavam ao seu lado, levantando nuvens de poeira com as patas dos cavalos.

Continuou chorando, com os punhos apertados e a boca fechada, numa raiva mal contida. Seu rosto era bonito, mesmo molhado pelas lágrimas. Sua boca, de lábios vermelhos e carnudos, ainda estava fortemente fechada, quando ouviu a voz:

— Lorna...

Lorna Dalton ergueu o busto. Com gestos secos, limpou as lágrimas com as costas das mãos, enxugando-as em seguida na calça.

— Lorna, não cometa mais loucuras, por favor!

A bela jovem virou-se para o homem que lhe suplicava calma. Era Stratford, um bom amigo de seu pai..., mas de que lhe servia de ser bom? Seu pai também era bom e tinha sido assassinado. Lorna não pôde conter um novo acesso de choro e refugiou-se nos braços de Stratford, buscando consolo.

Este a acolheu carinhosamente, abraçando-a e acariciando os sedosos cabelos negros da garota.

— Deixe-os, Lorna — murmurou o velho. — Além disso, não creio que Leslie Morley seja o assassino de seu pai. Ele sempre foi um bom rapaz... O que eu não consigo compreender é como o próprio Brian Watson tenha se arriscado, só para a vir salvá-lo...

Mas Lorna não o escutava. Seu corpo continuava sendo sacudido pelos soluços, enquanto as lágrimas atavam a molhar seu rosto. Bob Stratford, finalmente, separou-se da jovem, olhando-a fixamente nos olhos. Sua voz era calma e suave:

Você tem de ser forte, Lorna. E não se preocupe: o assassino de seu pai pagará pelo crime que praticou. Olhe todos esses... — disse Stratford, apontando a multidão na rua, que começava a se separar, comentando o final inesperado do linchamento. — Você acha que eles queriam justiça? — continuou. — Pensa que eles queriam linchar Morley por achar que ele era o assassino de seu pai? Não, Lorna. Só queriam satisfazer seus instintos animais. Queriam ver sangue, não importa de quem fosse, não importa se fosse o sangue de um inocente...

## — 13 —

Stratford fez uma pausa, olhando com expressão de repugnância para a multidão que se dissolvia.

— E você... — continuou o velho — queria fazer a mesma coisa. Eu sou velho e posso lhe dar um conselho: tenha paciência e verá o criminoso pagar por seu crime.

A jovem agradeceu as bondosas palavras do velho, esforçando-se para sorrir.

— Obrigada, senhor Stratford, creio que tem razão.

Mas a morte de meu pai foi um golpe muito forte para mim.

— Estou disposto a ajudá-la, Lorna. Minha esposa Nelly também.

A garota olhou para aquele homem, cuja cabeleira começava a cobrir-se de fios brancos, enquanto seu corpo se mantinha jovem. Stratford era, depois de seu pai, um dos mais importantes rancheiros da região. Um bom amigo, homem sem muitas ambições e com uma simpática família.

Sim, Nelly era uma boa amiga; ela ajudaria a suportar a perda de seu pai.

— Vou aceitar seu conselho e Sua oferta, senhor Stratford. Realmente, estava agindo levada pela raiva...

— Nelly ficará contente de tê-la ao seu lado, menina. Quanto ao assassino de seu pai, não se preocupe. A lei pode ser lenta, mas terminará por pegá-lo.

— Sim... sim... — concordou a jovem. Mas seu pensamento estava a muitas milhas de distância. Ela ainda olhava para a poeira levantada por aqueles seis cavalos, que já tinham sumido no horizonte. De repente, voltando à realidade, disse: — Senhor Stratford, eu o incomodarei muito pouco, já que pretendo continuar à frente do rancho, fazendo o trabalho que meu pai fazia.

— Você não acha que é uma tarefa superior às suas forças?

— Talvez seja verdade. Mas, de qualquer modo, acho que devo tentar. Agora começo a compreender o segredo desta terra: quem não é forte sucumbe... E eu não pretendo sucumbir.

Stratford não pôde evitar um gesto de admiração. A jovem falara com firmeza. Seu queixo estava firme, decidido, enquanto seus lábios continuavam apertados.

## — 15 —

# CAPÍTULO SEGUNDO

*Agora devia provar sua inocência*

Leslie Morley abriu os olhos. Percebeu, com grande surpresa, que continuava vivo. Por seu cérebro passavam várias imagens, cada uma mais estranha e dolorosa que a outra.

— Watson!

O grito surgira bem próximo do local onde estava deitado, trazendo-o à realidade. Bem, não estava só vendo, como ouvindo também. Não havia mais dúvidas de que estava vivo. Aquele nome ficou ecoando em sua mente... Watson... Quem diabos seria este Watson?

— Como vai, rapaz?

A voz rouca de Watson o surpreendeu. Era um homem alto, magro, feições duras, aparentando uns cinquenta anos. Olhava fixamente para o jovem, com um olhar estranho.

Leslie sorriu. Estava bem, com o corpo dolorido, mas pelo menos vivo. Com dificuldade, conseguiu dizer:

— Estou bem... pelo menos não estou com uma corda no pescoço.

Lentamente, o jovem passou uma mão pela garganta, recordando detalhadamente a cena que se passara algum tempo atrás. Vários homens o haviam agarrado, não lhe dando a menor possibilidade de se defender. Lembrava-se

da árvore, da corda que um deles tinha nas mãos... e das pancadas que recebera, até desmaiar...

Lembrando-se disso, o rosto do rapaz se endureceu.

— Como me salvaram? — perguntou.

— Foi fácil... — respondeu o ex-capitão. — É uma questão de saber dominar as pessoas.

— E por que o fizeram? — perguntou o jovem.

Watson temia esta pergunta, que mais cedo ou mais tarde teria de responder: Por que? Isso, só ele sabia.

— Bem... nós simpatizamos com você — disse, tentando sorrir.

Leslie olhou fixamente para aquele homem, que agora não ousava encará-lo.

— Foi... só por isso?

— Sim. Eu e meus companheiros fomos a Melwood, só por casualidade. Estávamos passando, quando vimos aquela cena e não gostamos. Por isso, resolvemos tirá-lo das mãos daqueles sujeitos...

"Caveira" deu um cutucão em Happy, ao seu lado, dizendo, espantado:

— Ouviu? Ele diz que fomos a Melwood só por acaso!

— Ele sabe o que diz... — disse Happy, dando um de seus habituais sorrisos. — Você conhece de sobra o capitão.

Leslie também não estava convencido com aquela explicação. Tinha certeza de que aquele homem escondia algo. Finalmente, deixando este detalhe de lado, o jovem tomou a deitar na relva, afundando-se em seus pensamentos.

A única certeza que ele tinha era de que estava vivo e isto era o que realmente importava. Não demoraria a voltar a Melwood. Ali haviam ficado algumas coisas não resolvidas, coisas tão importantes como sua própria vida. Principalmente Nelly...

Naturalmente, Nelly acreditaria em sua inocência. Disto ele tinha certeza. Mas... quem diabos poderia acreditar que tinha sido ele o assassino do velho Dalton? Bem, estes não eram problemas para serem resolvidos no momento.

Diante da surpresa de Watson, o jovem fechou os olhos, dormindo instantaneamente. O ex-capitão o contemplou um momento e, por fim, sorriu. Era um bom sinal que alguém conseguisse dormir, mesmo com um problema lhe afligindo o cérebro. Isto demonstrava um bom estado de nervos.

Lentamente, Watson levantou-se, dirigindo-se ao riacho que cortava o pequeno bosque onde eles haviam acampado. O ex-capitão não deixou de perceber os estranhos olhares que seus homens lhe lançavam.

Mel, o "Caveira", tinha sido o primeiro a reparar alguma coisa e comentara em voz baixa, para não ser ouvido pelo capitão.

— Este rapaz tem alguma coisa parecida com o Watson.

— Também acho — sussurrou Joe. — Você acha que eles são parentes?

— Não sei..., mas é possível.

* * *

O alvo caiu a poucos passos de onde estavam Happy e Leslie, que treinavam tiro ao alvo.

— Bom tiro, rapaz! — disse Happy. — Isto quer dizer que você já está em perfeitas condições...

Happy parou a frase. Seu olhar estava fixo na mão do jovem, que segurava a arma. O extraordinário é que aquele revólver parecia ser uma continuação natural daquela mão.

— Sim, Happy. Sinto abandoná-los, mas minha vida segue um caminho diferente do de vocês. Eu pretendo

voltar e demonstrar minha inocência... além disso, existe Nelly...

— Isto é ótimo! — disse Happy.

— Pois pode não o ser, rapaz...

Leslie virou-se rapidamente. Havia reconhecido a voz de Watson. Olhou-o com respeito. Ainda não entendera a atitude daquele homem, salvando-lhe a vida, e sentia uma certa admiração por ele.

— Nelly é uma ótima pessoa, Watson — disse Leslie. — Tenho certeza de que ela está me esperando... De qualquer maneira eu quero voltar a Melwood. Descobrirei o verdadeiro assassino do velho Dalton e provarei minha inocência.

— Você pretende ir... só? É perigoso.

— Sim, eu sei — disse o jovem, encarando aquele homem com quem dialogava.

Pela primeira vez, Watson reparou que o rapaz não era tão criança como ele pensava. Tinha um corpo musculoso, sabia atirar muito bem, com as duas mãos.

— Bom... — começou a dizer Watson. — Você é livre para fazer o que bem entender. Mas, se quiser um conselho...

— Não, Watson, eu sei o que você vai dizer. De todo jeito, agradeço sua generosa... e inesperada ajuda. Voltarei a Melwood.

— Bem, como quiser. Talvez voltemos a nos ver...

— Sim, talvez... — disse o jovem, em tom de dúvida. — Mas eu queria dizer-lhe uma coisa: não compreendo o motivo pelo qual vocês são foragidos da justiça. Não acredito que sujeitos como vocês tenham cometido crimes. Conheço-os há pouco tempo, mas tenho certeza de que são ótimas pessoas...

Happy sorriu. Ele tinha experiência e sabia que ser ótima pessoa não significava nada, mas deixou que o capitão explicasse. Este, depois de pensar alguns momentos, disse:

— O fato das nossas vidas estarem marcadas não quer dizer que você deva seguir o mesmo caminho, rapaz. Nós lutamos por um ideal em que acreditávamos..., mas perdemos a guerra e por isso somos procurados. Mas você ainda pode lutar para provar que está certo...

— Eu provarei, Watson — disse Leslie. — Tenho alguns argumentos infalíveis, para quando chegar o momento.

— E que argumentos são esses, Leslie? — perguntou o homem, que pela primeira vez chamava o rapaz pelo nome.

— Bem, — sorriu Leslie, com um brilho de decisão nos olhos, enquanto batia com as mãos na cartucheira — argumentos de chumbo! — disse, apontando seu revólver.

Happy não pôde deixar de sorrir, enquanto Watson mostrava certa preocupação no olhar.

— Bem, — disse Brian, depois de algum tempo.

— Acho que não adianta tentar convencê-lo a não ir a Melwood. Já se passaram quinze dias, desde que o tiramos de lá. Naturalmente, a agitação deve ter passado, os habitantes da cidade já não devem sentir a mesma raiva de você, mas lembre-se de que vai lutar contra alguém que lhe é desconhecido... — Watson parou de falar durante um instante, coçando o queixo. — Se ao menos conhecêssemos o motivo do crime...

— Isto ainda não está claro, mas eu descobrirei — disse Leslie. — Eu acho que...

— Você precisará de um bom cavalo, não é? — perguntou Watson, cortando a frase do jovem. E, sem

esperar resposta, continuou: — Leve o meu. Cuide bem dele, pois é um excelente animal.

Dito isto, virou-se bruscamente, afastando-se dali. O homem fez isto para evitar uma pergunta que devia estar martelando a mente do jovem: por que?

Vendo que Watson se afastava, Leslie, perplexo, virou-se para Happy, perguntando:

— Quem é esse homem, Happy? Por que ele está me ajudando desta maneira?

— Ele mesmo já lhe disse, rapaz... — respondeu Happy, balançando os ombros: — Simpatizou com você.

— Isto não é motivo suficiente para que um homem arrisque sua vida por alguém que não conhece e ainda por cima lhe dê o seu próprio cavalo de presente. Não acha?

— Watson é um sujeito calado, rapaz... E se ele não quer que você saiba os motivos que o levam a agir assim, você terá de se conformar com isto.

— Bem Happy, vou me despedir de vocês. Vou agora mesmo para Melwood. Entrarei à noite na cidade.

Em seguida, Leslie arrumou suas coisas para partir. Antes de montar, apertou as mãos daqueles seis homens que o olhavam com simpatia... e não sem certa dose de ironia. Todos eles conheciam Watson e por isso sabiam que não tardariam a se encontrar novamente com aquele rapaz.

Poucos minutos depois, Leslie não era mais do que um diminuto ponto no horizonte, afastando-se cada vez mais do acampamento.

Na mente do rapaz havia uma série de ideias, mas ele acabou ficando com a que lhe pareceu mais sensata: iria ver Nelly antes de qualquer outra coisa. Ela poderia informá-lo da situação atual de Melwood.

Pensando nisso, o jovem obrigou o animal a seguir em direção ao “Green Ranch”, propriedade de Bob Stratford. O

jovem tinha certeza de que seria bem recebido pelo velho, pois trabalhava com ele havia muitos anos e sempre merecera sua confiança.

Claro que, nas atuais circunstâncias, muitas coisas poderiam ter mudado. Mas, de qualquer maneira, em Nelly ele poderia confiar, fosse qual fosse a situação. Enquanto cavalgava, seu pensamento fixou-se naqueles seis homens que deixara atrás. Pensava principalmente em Brian Watson. Que motivo ele poderia ter para agir daquela maneira?

Leslie forçou seu cérebro, em vão. Finalmente, preferiu deixar este assunto para ser pensado mais tarde, dedicando maior atenção ao terreno que pisava, já que estava se aproximando do "Green Ranch". Já podia sentir o cheiro característico dos pastos que rodeavam os ranchos.

Minutos depois, o jovem abandonou o caminho, seguindo uma trilha que se levantava pelo meio das montanhas à direita da estrada. Conhecia muito bem aquela região e não queria se arriscar a ser reconhecido por algum dos vaqueiros que costumavam vigiar aqueles lados dos pastos.

Logo depois, já se podia perceber as luzes da sede do rancho e ouvir o mugido do gado. O jovem suspirou, pensando que não seria fácil encontrar-se com Nelly sem ser visto por ninguém. Mas, fácil ou difícil, era necessário e o jovem resolveu tentar.

Seu cavalo deu mais alguns passos, quando uma detonação soou, não muito longe de Leslie, assustando o animal. O jovem ouviu o assobio da bala que passou rente ao seu ouvido, deixando claras as intenções do autor do disparo.

Leslie não pensou duas vezes; pulou do animal, deixando-se cair ao chão. Seus movimentos foram

acompanhados por uma saraivada de projéteis que passaram raspando pela cabeça dele.

Deitado no chão, Leslie sacou sua arma. Realmente, a coisa estava bem mais séria do que ele tinha calculado. Nunca os vaqueiros do “Green Ranch” haviam disparado contra alguém, sem primeiro saber quem era e quais suas intenções. Pensando nisso, o jovem imaginou que algo de muito grave devia estar ocorrendo em Melwood e que ele precisava saber o que era. Talvez...

Logo depois, porém, o rapaz percebeu que devia transferir seus pensamentos para um momento melhor. Os atiradores eram muitos e se aproximavam do local onde ele estava deitado. De vez em quando, uma bala se chocava contra a terra a seus pés, levantando poeira do chão.

Correndo em ziguezague, tentando desviar o corpo das balas que o procuravam, o jovem tomou a guardar sua arma no coldre. Não queria, de modo algum, disparar contra os autores daqueles tiros, pois deviam ser os mesmos homens que há quinze dias antes haviam sido seus companheiros de trabalho.

Talvez, se se identificasse... Desistiu dessa idéia, continuando a correr como um louco. Havia um matagal à sua frente e se conseguisse se esconder ali estaria momentaneamente salvo. Olhou para trás, comprovando, com satisfação, que o cavalo que ganhara de Watson o seguia. O pior que lhe poderia acontecer naquela situação era ficar sem montaria.

Segundos depois, ele conseguiu proteger-se atrás de uma árvore, já dentro do bosque que havia nos limites do rancho. Ouvia, quando os disparos permitiam, o galope de vários cavalos que vinham em sua direção. Naturalmente, os homens do rancho tinham ouvido os tiros e corriam em auxílio dos vaqueiros. Agora devia haver homens em

número suficiente para rodear o bosque onde Leslie se escondia...

Se ao menos Nelly viesse com os homens que se aproximavam... Não seria a primeira vez que a jovem participava de alguma ação junto com os homens do rancho.

Vários vultos começaram a se aproximar, entrando pelo meio das árvores, por lugares distintos. De repente, o jovem fugitivo sentiu uma súbita alegria, enquanto murmurava:

— Nelly!

Não havia dúvida; a moça vinha junto com os homens do rancho, comandando o cerco. Leslie alegrou-se, vendo que a garota sem saber dirigia o galope de seu cavalo justamente para o local onde ele se encontrava. Leslie esperou que ela estivesse a poucos passos da árvore onde estava escondido, para chamar:

— Nelly!

A mulher parou o cavalo, puxando bruscamente as rédeas, enquanto sua mão direita sustentava um pesado "Colt 44", que brilhava sob a luz da lua. O jovem pôde ver como Nelly estremecia ao descobri-lo, de súbito, na sua frente.

Os dois jovens encararam-se fixamente. Sorrindo, Leslie avançou em direção à jovem. Mas sentiu-se desconsertado ao descobrir o olhar grave e a expressão séria da mulher.

— Nelly, pode me dizer o que significa tudo isso?

— Não posso acreditar que você seja tão cínico, Leslie — disse a jovem, com ódio na voz. — Vejo que me enganei. Você não passa de um assassino... O que fazia aqui? Estava estudando o terreno para lançar Brian Watson e seus capangas contra o meu rancho?

Talvez, em outras circunstâncias, a jovem compreendesse que o assombro do rapaz não poderia ser fingido. Mas agora ela nada percebia. Por isso, continuou:

— Você vai querer negar que assassinou o velho Dalton, que se uniu à quadrilha de Watson e que vocês estão roubando gado do rancho da pobre Lorna? Só nesta semana, por duas vezes, vocês roubaram uma boa quantidade de gado. Agora estão querendo roubar o gado do meu rancho, não c?

— Nelly...! — balbuciou o jovem, estupefato. — Pelo nosso amor... Como é possível que você acredite nisso?

— Justamente pelo amor que eu um dia senti por você é que você ainda está vivo, Leslie. E, pelo mesmo motivo, vou lhe dar uma oportunidade de escapar — a jovem disse isso com voz fria e olhar duro.

Os olhos azuis do rapaz piscaram ao ouvir aquelas palavras. Lentamente, ele tentou se aproximar da jovem, que continuava sobre seu cavalo, ainda com a arma na mão.

— Quieto, Leslie! Não se aproxime!

— Nelly... eu juro que não matei Dalton! E, até agora, não sabia que tinham roubado gado do rancho dele...

— Chega de mentiras! Pegue seu cavalo e suma caqui. Talvez você consiga começar vida nova em outro lugar, Leslie. Isso é a única coisa que eu posso fazer por você, Leslie Morley!

— Nelly! Preciso que você acredite em mim — disse o rapaz, com amargura. De repente, calou-se, olhando fixamente o frio e impassível rosto da garota. E continuando: — Não, não vou para outra cidade, Nelly. Vou provar minha inocência. Quando conseguir, voltarei a vê-la e talvez você se arrependa de não ter acreditado em minhas palavras...

O jovem deu as costas a Nelly, assobiando baixinho. Seu cavalo apareceu entre as árvores e ele montou, sem precisar parar o animal.

— Adeus, Nelly! Votaremos a nos ver... — disse Leslie, indo embora pelo meio do bosque.

A jovem não disse nada, limitando-se a olhar o rapaz que desaparecia. De repente, ela levou as duas mãos à boca, contendo um grito. Dois de seus vaqueiros haviam aparecido diante de Leslie, interrompendo-lhe o caminho, apontando-lhe os revólveres.

O jovem também os viu e compreendeu a surpresa dos dois homens, que não esperavam encontrá-lo naquela situação. Em poucos segundos, no entanto, eles se recuperaram do susto e começaram o tiroteio, dando o alarma para os outros homens.

Leslie esporeou o animal, correndo diretamente na direção daqueles homens. Sabia que se arriscava, mas sabia também que aquele era o único caminho que lhe permitiria sair vivo daquele bosque. Se os homens do rancho o agarrassem, ele não teria mais que cinco minutos para estar balançando pelo pescoço no alto de alguma árvore.

Quando chegou a poucos metros dos dois vaqueiros, o jovem fez uma rápida manobra, desviando ligeiramente a rota do animal, ao mesmo tempo que sacava sua arma. No momento em que ia atirar, percebeu que os dois vaqueiros apontavam diretamente contra seu corpo. Aqueles homens não estavam brincando, atiravam para matar. Leslie deitou-se sobre o lado esquerdo do cavalo, evitando assim receber uma verdadeira chuva de chumbo. Sua montaria não teve a mesma sorte. O antigo cavalo de Watson foi atingido por mais de cinco tiros.

Na mesma velocidade em que vinha, o cavalo foi para o chão, jogando o cavaleiro a vários metros de distância.

Enquanto rolava com violência, Leslie disparava sua arma. Um dos homens recebeu um balaço no meio da testa, lançando um grito de terror, enquanto jogava seu próprio revólver para o ar. O outro, protegido por uma árvore, continuou disparando, em vão.

O objetivo de Leslie era fugir o mais rápido possível daquela ratoeira e não matar aqueles vaqueiros. Por isso, ao invés de continuar disparando contra o homem, correu por entre as arvores, à procura do cavalo do vaqueiro que matara. Não tardou a achá-lo, montando-o rapidamente.

Mas, antes que conseguisse esporear o animal, o jovem ouviu um assobio de bala, ao lado do seu ouvido. Olhou para trás, apontando sua arma. O vaqueiro continuava disparando em sua direção e o jovem não teve mais remédio senão apertar o gatilho. O homem parou, abrindo a boca numa expressão cômica. Logo, por entre seus lábios apareceu um filete de sangue, que se transformou numa golfada.

Segundos depois o vaqueiro estava deitado, morto, com a boca aberta contra a terra úmida. Sem perder mais tempo, Leslie esporeou seu novo animal, galopando pelo meio das árvores. Ainda ouviu vários disparos, certificando-se de que o resto dos homens já o haviam localizado.

O jovem esporeava sem piedade o animal. Quando chegou na planície, afastando-se do bosque, começou a duvidar da possibilidade de conseguir fugir.

Seu animal começava a dar sinais de cansaço e estava claro que ele não conseguiria manter por muito tempo a vantagem que tinha sobre seus perseguidores.

Leslie olhou para trás, vendo a massa informe formada pelas dezenas de cavalos do “Green Ranch”, que se aproximavam cada vez mais.

Se pelo menos eu conseguisse atravessar o rio Humboldt... — pensou o jovem. E, em seguida, concentrou todos os seus esforços para alcançar seu objetivo. A medida que se aproximava do rio, o jovem achava cada vez mais difícil escapar da forca que os vaqueiros lhe prepariam, assim que fosse apanhado.

Quando o rio apareceu à sua frente, a menos de vinte metros, Leslie sorriu. Bateu furiosamente no animal, obrigando-o a galopar em direção à margem, nem que para isso tivesse de usar suas últimas forças. Realmente, assim que o cavalo entrou na água, seu coração quase estourou pelo esforço excessivo. Lentamente, o animal afundou nas águas calmas do rio, deixando o cavaleiro sozinho. Sem perder o ânimo, contudo, Leslie começou a dar uma braçada atrás da outra, nadando na velocidade máxima que seu estado físico lhe permitia, o que não era muita coisa.

Ainda não tinha chegado à metade do rio, quando ouviu vários disparos provenientes da margem às suas costas, enquanto sentia os projéteis afundando na água, a poucos centímetros do seu corpo.

Nadando cada vez mais lentamente, o jovem compreendeu que seu fim estava próximo. Percebia, nitidamente, o ruído dos cavalos que já haviam entrado na água, nadando muito mais rápido do que ele, enquanto seus cavaleiros disparavam contra seu corpo.

De repente, a situação mudou. Algo parecia dar esperanças ao jovem, que já se acreditava praticamente morto. Da margem oposta à que ele tinha vindo, e para a qual ele se dirigia, começaram a soar inúmeros tiros. Os atiradores não eram visíveis, pois estavam escondidos atrás de umas pedras. Mas seus tiros eram bem audíveis e começaram a fazer baixas entre os vaqueiros.

Leslie recobrou as forças perdidas, dando braçadas cada vez mais violentas. A sua retaguarda, ouvia os gritos de dor e surpresa dos homens do “Green Ranch”, que, apanhados desprevenidos, não sabiam o que fazer, correndo em todas as direções.

— Por aqui, Leslie! — gritou uma voz, que o jovem reconheceu, imediatamente, como sendo a de Watson.

Não chegou a dar mais de três braçadas, pois logo apareceu Happy, que, montado em seu cavalo, puxou o jovem até a margem segura... até sua salvação.

Enquanto Happy e Leslie voltavam para a margem, os outros cobriam a retirada, disparando sem cessar contra os rancheiros, que fugiam como podiam. Vários homens já estavam sem cavalo, e corriam a pé, tentando, de todos os jeitos, sair daquela armadilha fatal na qual haviam caído.

Os companheiros de Watson atiravam para o ar, evitando atingir os pobres vaqueiros. Mas o pânico que tomou conta deles funcionou mais do que as balas. Em pouco tempo, nada mais havia na margem oposta do rio Humboldt, a não ser alguns cavalos sem cavaleiros.

— Chegamos a tempo, hem? — perguntou Watson, amparando o rapaz, que havia sentado, esgotado pela fuga precipitada.

— Sim... ainda bem... E os outros? Onde estão Ben, Joe...? — perguntou Leslie.

— Bom, eles preferiram não vir — disse Watson.

— Ainda não compreendo seu interesse por mim — disse Leslie, ofegante. — Mas agradeço esta sua nova intervenção.

— Deixe pra lá... Agora vamos sair daqui, para evitar uma nova perseguição desses vaqueiros. Embora duvide que eles consigam se recuperar deste susto em menos de algumas horas... — sorriu Watson, levantando-se.

— Está certo — concordou Leslie, levantando-se e batendo a palma da mão contra suas roupas encharcadas. — Mas agora, mais do que nunca, quero voltar para Melwood e provar minha inocência... — em seguida, o jovem contou tudo o que lhe acontecera nas últimas horas e a conversa que tivera com Nelly — e Nelly está convencida, como devem estar todos em Melwood, que nós somos os ladrões de gado — finalizou o jovem.

Watson havia escutado tudo aquilo com o rosto sério, sem pronunciar uma só palavra.

— Agora eles terão ainda mais certeza, rapaz... — disse Happy. — Eles saberão que fomos nós que interviemos em seu favor e acharão que tudo já estava preparado... As coisas se complicam para o seu lado, rapaz...

— Não faz mal, — disse Leslie. — De qualquer jeito, acho melhor agir sozinho, de agora em diante. Não me deixarei surpreender novamente. Por minha causa, vocês se separaram de seus amigos...

— Não ligue para isso, — cortou Watson. — Há muito tempo que eles queriam se separar de nós. Foi melhor assim.

— Bem... então creio que posso continuar meu plano.

Watson limitou-se a olhar de lado para o rapaz. Foi "Caveira" quem perguntou:

— E qual é o seu plano?

— Bem... por duas vezes, em pouco tempo, roubaram gado do rancho dos Dalton. O gado sempre deixa rastro e eu o seguirei.

— E pensa que conseguirá alguma coisa com isso? O gado, uma vez nas mãos dos compradores, deixa de ser uma pista para acharmos os ladrões.

— Certo, mas, apesar disso, vigiarei os caminhos que esses ladrões podem ter utilizado a fim de levar o gado para

fora do rancho dos Dalton. Naturalmente, eles aproveitarão nosso aparecimento para fazer um novo roubo e lançar a culpa sobre nós.

Enquanto conversavam, os homens continuavam cavalgando em direção a Melwood. Happy disse:

— Acho que você tem razão, Leslie. Um homem sozinho, entretanto, não é suficiente para vigiar uma quadrilha de ladrões, principalmente quando não se sabe quem são os larápios, por isso, acho que nós deveríamos vigiar pelo outro lado.

— Também acho — concordou Watson. — Mas, Leslie, você acha que o roubo do gado tem alguma relação com o assassinato desse tal Dalton?

— Acho, pois se estão roubando gado da fazenda dele! Você não percebe que pode haver muita ligação?

— E essa garota, Nelly? Você ainda se interessa por ela?

— Bastante, Watson... — respondeu o jovem, com um olhar sério. — Eu gosto muito dela, e se faço isso tudo é só para lhe provar minha inocência.

Os três homens ficaram em silêncio durante algum tempo. Quando, por fim, chegaram próximo da cidade, Watson disse:

— Acho melhor você desmontar e seguir a pé, Leslie. Já estamos muito perto de Melwood.

O jovem seguiu o conselho do companheiro. Apertou a mão de seus amigos e seguiu o caminho a pé, andando pelo lado da estrada, para evitar algum encontro inesperado. Enquanto andava, ia pensando. Tinha muitas coisas a fazer e era preciso refletir bastante, para não cometer mais erros como o de “Green Ranch”.

Em primeiro lugar, devia saber exatamente o que estava acontecendo na cidade, e para isto nada melhor do que

entrar num dos movimentados saloons e ouvir, disfarçadamente, as conversas dos vaqueiros.

Em sua cabeça, algumas perguntas martelavam, ecoando dolorosamente em seu cérebro, já que não conseguia encontrar as respostas: “Quem assassinou Dalton? Porque? Quem eram os ladrões de gado...?”

Leslie sabia, como todo mundo, que Dalton era o mais importante rancheiro de toda a região. Depois dele, vinham Bob Stratford, pai de Nelly, Eli Anderson, Terry Strong... e outros proprietários de pequenos ranchos. Todos eles eram excelentes pessoas, mas... isto não impedira que Dalton fosse assassinado.

E Lorna Dalton estava sofrendo com isto. Primeiro, matam seu pai, em seguida, roubam-lhe o gado...

Alguém queria se apoderar do “Dalton’s Ranch”. Enquanto Lorna fosse viva, isto seria impossível, a menos que...

Claro!

Leslie deu um tapa na própria coxa. “Como não havia pensado nisso antes?”

Ora, se alguém se casasse com a garota acabaria dono do rancho e consequentemente o rancheiro mais importante da região.

E agora Leslie se lembrava; a jovem tinha um feroz e desprezado pretendente:' Guy Sanders, o capataz do rancho...

Animado por suas ideias, o jovem apressou o passo em direção a Melwood. Tinha pressa de chegar.

# CAPÍTULO TERCEIRO

*Mais crimes para comprometer*

O dia terminava, quando um cavaleiro percorria vagarosamente a rua principal de Melwood. Leslie Morley, recuperado do cansaço da noite anterior e já em plenas condições físicas, iniciava a primeira parte do seu plano.

Havia passado a manhã inteira andando de um lado para outro, com cuidado para não ser visto, enquanto prestava atenção nas conversas dos habitantes da cidade. Não conseguiu descobrir coisa alguma, a não ser um único detalhe: a todos parecia certo que Leslie Morley se havia unido ao bando de Brian Watson e neles jogavam a culpa de todos os roubos cometidos no último mês.

Depois do almoço o jovem comprara um cavalo e o equipamento necessário. Agora, cavalgando sem pressa, pois queria chegar às imediações do "Dalton's Ranch" quando já fosse noite. Sabia que o rancho devia estar bem vigiado, como o "Green Ranch" e provavelmente como todos os ranchos da região.

Mas o jovem conhecia muito bem o terreno em que pisava e não se deixaria surpreender, como ocorrera na véspera. Além disso, não pretendia se aproximar demais. Ficaria num local onde pudesse vigiar as rotas seguidas pelos ladrões. Leslie também tinha interesse em vigiar os passos de Guy Sanders, o capataz do rancho.

O jovem já estava nas imediações da fazenda, e desmontou do cavalo. Colou o ouvido ao solo, comprovando que havia gado nas imediações, e ele sabia que onde há gado há homens.

Puxando o cavalo pelas rédeas, o jovem começou a subir uma pequena colina, sobre a qual havia uma espécie de plataforma que constituía um bom posto de observação, já que se dominava a vista de todo o vale. Quando chegou ali, o jovem amarrou as rédeas de seu animal numa árvore, sentando-se numa pedra. Esperava que a noite descesse por completo sobre a região, para surpreender qualquer ladrão na tentativa de roubar o gado dos Dalton.

O que ele não sabia, era que alguém mais também conhecia aquele local e o considerava, como Leslie, um excelente posto de atalaia. Alguns vaqueiros observavam os movimentos do jovem, apontando-lhe suas armas. Um deles, nervoso, ameaçou disparar seu rifle contra Leslie.

— Quieto, imbecil — sussurrou uma voz. — Espere que ele se aproxime mais. Daqui você pode errar o tiro, fazendo com que ele fuja.

— Está certo, Guy — concordou o vaqueiro.

— Sim, Guy tem razão — riu outro vaqueiro. — Drake é incapaz de acertar numa montanha, a mais de três metros de distância.

O chamado Drake virou-se, furioso, preparando-se para iniciar uma discussão, quando uma autoritária voz feminina cortou qualquer possibilidade de debate:

— Basta de bobagens. Não quero que ninguém atire nele. Precisamos pegá-lo vivo, pois Leslie Morley terá de nos explicar muitas coisas, antes de ir para a forca!

O rosto de Lorna Dalton estava sério. O brilho de seus olhos transmitia a raiva que a jovem sentia.

— Está certo, patroa — disse Guy. — Vocês ouviram, rapazes, nada de tiros.

Lorna Dalton empunhava seu perigoso chicote de couro. Caminhava, silenciosamente, junto com seus empregados, aproximando-se cada vez mais do local onde Leslie estava sentado, vigiando a planície. De repente, Sanders gritou:

— Quieto, Morley! Afaste as mãos de suas armas!

Leslie ficou petrificado, ao reconhecer a voz do capataz. Virou-se lentamente, até conseguir enxergar Sanders.

— Guy Sanders... — balbuciou.

— Ele mesmo, assassino! — respondeu Guy, avançando com um revólver na mão direita. Atrás do capataz vinham dois vaqueiros, Phil e Drake. Sanders parou na frente do jovem, dando-lhe um tapa com a mão esquerda, enquanto gritava: — Acabou sua carreira de crimes, assassino!

— Quieto, Guy! Traga-o aqui!

Leslie ficou surpreso ao ouvir a voz feminina. Logo depois, o bonito corpo de Lorna apareceu diante de seus olhos. Empurrado pelo cano da arma de Guy, o rapaz caminhou até onde estava a dona do rancho, que o encarava com ódio na face.

— Aonde estão os outros, Morley? — perguntou ela.

— Outros? Que outros...?

A mão de Lorna executou um rápido movimento e o chicote cortou o ar, estalando a poucos centímetros do rosto do rapaz. Este ainda tentou retroceder, mas o cano da arma do capataz não lhe permitia fazer isto. Drake e Phil caíram na gargalhada.

— Quero respostas claras, Morley — disse a mulher, com voz gelada. — Da próxima vez eu lhe arrancarei um pedaço de pele... Onde estão Watson e os outros?

— Não sei, Lorna — disse o jovem, com voz calma. — Por outro lado, posso lhe garantir que sou inocente de tudo quanto me acusam.

— Sim...? — sorriu Guy. — Então o que estava fazendo aqui? O que fazia ontem à noite no rancho de Stratford? Quem, senão Watson e seus amigos, o ajudaram a fugir? Responda!

Leslie mordeu os lábios. Para que tentar demonstrar com palavras que ele era inocente? Todos o consideravam culpado e só queriam um pretexto para vê-lo pendurado num laço corrediço.

— Bem, não vou perder tempo explicando... — disse o jovem. — De qualquer maneira, vocês não vão acreditar em mim, portanto, podem me matar.

— Não, ainda não — disse Lorna, aproximando-se dele. — Antes, quero saber o que você fez com meu gado. Para quem o vendeu?

— Mas porque você pergunta isso a mim? Lorna... você realmente acredita que eu tenha matado seu pai? Você acredita que eu me tenha transformado num ladrão?

A garota, apesar de seu olhar decidido, vacilou.

— Bem... Eu acreditava em sua inocência, Leslie, mas seu comportamento o acusa. O que tem você a ver com esse Watson? Por que anda vigiando os ranchos? Você deve compreender que tudo isto o acusa, Morley...

Leslie inclinou a cabeça. Apesar de o ter salvado duas vezes, Watson havia complicado sua vida, ao misturar seu nome com o dele. O jovem suspirou, ao pensar que, mesmo assim, ainda estava mil vezes agradecido àquele estranho homem.

— Você pode me arrancar a pele a chicotada — disse o rapaz, finalmente. — Mas só sei que não tenho nada a ver

com esses roubos... Estava aqui, tentando arranjar provas para mostrar minha inocência.

A reação às suas palavras foi exatamente o que o jovem esperava. Guy e seus dois homens começaram a rir, dobrando-se sobre a barriga e batendo com as mãos nas coxas. Lorna, pelo contrário, estava séria. Foi ela quem disse:

— Como queira, Morley. Vamos para o rancho. Talvez lá você mude de idéia...

— Pode estar certa, Lorna, de que eu não mudarei de idéia e não falarei nada. Isto, por um simples motivo: eu não sei de nada. Portanto, se quiserem evitar trabalho, matem-me aqui mesmo, e acabem com isto, de uma vez por todas.

Lorna não respondeu. Dirigindo-se a Guy, fez-lhe um sinal, indicando para que descessem à sede do rancho.

— Você irá à pé — disse o capataz, rindo e olhando para o jovem. — Talvez o frescor da noite refresque sua memória...

Durante uns instantes, Guy deixou de apontar sua arma para o prisioneiro, enquanto assobiava para seu cavalo. Leslie aproveitou-se dessa distração dando um violento soco na boca do estômago do homem.

O capataz lançou um urro de dor, enquanto largava a arma. Antes que este pudesse esboçar qualquer reação, a mão direita de Leslie já batia contra a nuca do sujeito, derrubando-o. Durante alguns segundos, Lorna e os dois vaqueiros foram tomados de surpresa.

— Não o deixe escapar! — gritou a jovem, enquanto manejava o chicote.

O rapaz deu um pulo, saltando para o lado, justamente o tempo de evitar ser atingido pelo fio cortante do chicote da jovem. Suas mãos voaram em busca das armas, mas, antes que conseguisse sacá-las, foi derrubado.

Sanders já se recuperara e jogara-se contra as duas pernas de Leslie, obrigando-o a deitar-se. Rapidamente, o capataz caiu sobre o corpo do jovem, socando-lhe a cara com violência. Os dois homens resfolegavam pelo esforço excessivo, sendo que Leslie levava a pior, já que o corpo do capataz estava por cima do seu.

Apesar disso, compreendendo que aquela era a última oportunidade de mudar a vantagem da luta, Leslie retesou todos os músculos de seu corpo, impulsionando-o para cima, e jogando Guy para o lado. Em seguida, o jovem levantou-se de um salto, mandando as duas mãos fechadas contra o rosto do capataz. Em pouco tempo, à medida que levava mais golpes, Guy já não tinha condições de lutar. O sangue lhe escorria pela sobrancelha direita, deixando-o parcialmente cego.

Morley, no entanto, continuava castigando o rosto amassado do homem, dando-lhe todo tipo de golpes. Somente quando Sanders caiu desmaiado, com o sangue escorrendo por vários lugares, foi que Lorna e os dois vaqueiros conseguiram reagir. Drake e Phil, cada um empunhando um revólver, ameaçavam-no, ainda que em seus rostos se percebesse uma expressão semelhante a respeito... ou a medo.

— Você acabou de dar outra mostra de seus modos selvagens, Morley — disse Lorna. — Felizmente, será a última. Comece a caminhar à nossa frente, e não tente nenhum truque, pois tenho certeza de que Drake e Phil se alegrariam de poder disparar contra você...

— Guy Sanders é um traidor, Lorna — disse o jovem, encarando a mulher. — Tenho certeza de que, um dia, você se arrependerá do que está falando...

Phil havia colocado o corpo inconsciente de Sanders sobre a sela de seu cavalo. Lorna e Drake montaram nos

seus, iniciando a cavalgada até o rancho. Leslie ia na frente, caminhando a pé, com a cabeça baixa pelo cansaço...

* * *

— Lorna, espero que agora você não veja mais inconveniente em casar-se comigo. Já consegui o que você queria, pegar o assassino de seu pai e o ladrão de gado do rancho...

— Ainda é cedo para falarmos nisso, senhor Sanders — respondeu Lorna, frisando o tratamento seco. — Não lhe prometi nada, para que fique me cobrando coisas dessa maneira.

— Mas Lorna...! Você disse que...

— Ainda não estou convencida de que Morley seja o assassino de meu pai. Mandei chamar Bob Stratford, Eli Anderson e Terry Strong. Quero que eles me aconselhem.

— Mas patroa! Isto é desconfiar de mim...! Todo mundo sabe que Morley foi salvo por Watson e seu bando e que se uniu a eles para roubar esta região, aproveitando-se do conhecimento que Morley tem do local.

— Se é assim, onde estão Watson e seus homens?

— Naturalmente, Morley deve ter vindo estudar o terreno; seus amigos devem estar esperando por ele.

— É possível — murmurou Lorna, compreendendo que o capataz podia ter razão. — Mas, mesmo assim, prefiro esperar Stratford e os outros.

— Está bem, patroa. Você é quem manda. Mas estou certo de que eles terão a mesma idéia que eu. Isso só servirá para atrasar o cumprimento da justiça.

— Se Morley for realmente o culpado, ele terá de dizer o que fez com o gado, onde está o produto da venda... E isto não deve ser esquecido, senhor Sanders, ninguém encostará

a mão neste homem, até que nós tenhamos recuperado tudo o que nos interessa!

Guy Sanders tinha dificuldades em dissimular seu ódio. Os dois tinham conversado diante do barraco de madeira, onde Leslie estava preso. Como o tom de voz dos dois tivesse aumentado durante a discussão, o jovem não precisou se esforçar para ouvir o que eles falavam.

Agora, Leslie Morley estava com as mãos fechadas, num gesto de raiva e impotência. Era como ele tinha imaginado: Sanders queria casar-se com Lorna, e para consegui-lo não hesitara em utilizar todos os meios sujos que conhecia.

De repente, o rapaz desgrudou o ouvido da porta de madeira, indo sentar-se num dos cantos escuros do barraco. Fez isso porque ouviu a voz de Lorna, dizendo a seu capataz:

— E agora, abra esta porta, senhor Sanders!

— Está bem... — concordou o homem. E, depois de abri-la, perguntou. — Suponho que a senhorita não quererá entrar sozinha aí... não é?

— Pois é isso mesmo o que eu pretendo fazer. O senhor fica aqui fora tomando conta! — disse a jovem, com uma firme decisão no olhar.

Instantes depois a porta do barraco chiava e a jovem a trancava, pelo lado de dentro. No exterior, Guy, furioso, andava de um lado para o outro diante do barracão, praguejando e tecendo considerações pouco elogiosas sobre Lorna.

"Eu vou ensiná-la... Estúpida!"

Entretanto, Lorna, mexendo nervosamente com o chicote, havia parado na frente do jovem, que continuava deitado no chão, aparentando uma tranquilidade que estava muito longe de sentir. As palavras, lá na colina onde fora

preso, duvidando de sua culpa, haviam dado uma esperança ao jovem.

— Novo interrogatório? — ironizou Leslie. — Já disse que não...

— Cale-se! — cortou a jovem, mostrando-se impaciente. — Você diz ser inocente, mas como pode provar isto?

Leslie surpreendeu-se. Logo, recompondo-se, disse:

— Posso provar o que digo..., mas não aqui dentro. Era justamente isso o que eu pretendia fazer, quando vocês me pegaram.

— Você esperava encontrar as provas aqui, no "Dalton's Ranch"?

— É este o local do crime, não?

Lorna mordeu os lábios, desviando o olhar dos olhos de Leslie. A jovem sentia-se intranquila, pois quanto mais encarava Morley mais sentia que ele era inocente.

— Eu ouvi o que você e Sanders conversaram, há pouco — disse Leslie, baixando o tom de voz. — Acredita que ele esteja jogando limpo?

— Não vejo que relação pode ter entre... — começou a falar, Lorna, levantando a cabeça.

— Pois eu vejo — cortou Morley. — Sanders sempre pretendeu casar-se com você. Todos sabiam que seu pai não via este caso com bons olhos. Ora, matando seu pai, o caminho ficaria livre. Você, sozinha, sem proteção... ele oferece sua proteção e está tudo resolvido.

— É uma acusação muito forte, para lançá-la sem provas, Morley — disse a garota, abaixando, instintivamente, o tom de voz. — Realmente, desde que meu pai foi morto, Sanders está muito insistente na questão do casamento, mas isto não é motivo suficiente para acusar um homem.

— Também acho. E, justamente por isso, estava procurando alguma prova definitiva.

— Mas e os roubos de gado?

— Talvez isso não tenha qualquer relação com a morte de seu pai. Eu quis investigar isso direito e fui procurar Nelly para que ela me explicasse... Bem, você já sabe como fui recebido...

— E você, não sendo culpado, porque não fugiu daqui ao ver-se em liberdade?

— Precisamente por isso: não sou culpado! E isso eu provarei a Nelly, mostrarei que ela fez mal em...

— Você a ama?

— Sim.

Os dois jovens tinham se acostumado à escuridão do barraco. Além disso, para evitar que o capataz escutasse algo do que conversavam, os dois estavam muito próximos, falando em sussurros. Leslie viu nos olhos da jovem algo desconhecido para ele: uma expressão profunda e um pouco melancólica. O rapaz mexeu-se, inquieto. A presença de Lorna, muito perto de seu próprio rosto, deixava-o nervoso. Mas ele gostava de Nelly...

De repente, soaram umas batidas na porta.

— Ei, patroa! Há algum problema?

A voz de Sanders trouxe os dois de volta à realidade. Imediatamente, virando-se para Leslie, a jovem disse:

— Pensarei em tudo isso que conversamos, Leslie. Agora, devo ir-me, ou Sanders desconfiará.

Caminhando apressadamente e balançando seus quadris bem torneados, Lorna deixou o barraco. Leslie, que havia seguido com o olhar a saída da jovem, fez uma careta de preocupação. Logo, balançou os ombros, em sinal de desinteresse. Afinal, só um milagre poderia evitar que ele

terminasse balançando com uma corda no pescoço. Mesmo assim, a imagem de Lorna continuava em sua mente.

Enquanto Leslie ficava no barracão, entregue a seus pensamentos, a jovem, por sua vez, explicava a situação aos rancheiros que chamara para aconselhá-la.

Quando terminou de falar, Terry Strong moveu seus pronunciados lábios, num sorriso. Enquanto falava, os olhos brilhavam com ironia.

— Para mim, parece que você está apaixonada por este Leslie Morley — disse o homem, fazendo com que o rosto da jovem ficasse vermelho. — Mas isso não vem ao caso. Eu nada tenho contra o rapaz, nem creio que ele seja um assassino.

— Nem eu — concordou Stratford.

— Pois eu acho que é perigoso confiar nele — disse Eli Anderson. — Temos de cortar o mal pela raiz. Nada prova que ele seja inocente. E, se ele não é inocente, pode continuar roubando gado de outros ranchos — o homem fez um gesto de indiferença e continuou. — Por mim, a maioria ganha: deixem o rapaz em liberdade, se assim quiserem. Não tenho nada a temer, pois sei me defender. Quanto a Guy Sanders... acho um pouco precipitado lançar uma acusação dessas contra ele.

— Sim, isto é certo — concordou a garota. — De qualquer modo, meu pai também não gostava muito dele... e ele também não me agrada.

— Então...

— Bem, ele sempre foi um bom capataz. Mas, agora, tenho observado que está tomando conta de tudo no rancho.

Os três rancheiros ficaram em silêncio, pensativos.

— Lorna... eu poderia comprar este rancho — disse Anderson, por fim. — Creio que para você é um trabalho

muito pesado. Com o que eu lhe pagasse, você poderia viver confortavelmente numa cidade, sem problemas.

A jovem balançou a cabeça negativamente. Estava decepcionada. Havia reunido aqueles homens, esperando ouvir conselhos, e via que todos eles estavam pouco se importando com ela ou com seu rancho... Bem, não fazia mal. Lutaria sozinha e confiaria em Leslie Morley!

Lorna levantou-se da cadeira onde estivera sentada, diante dos três homens.

— Estou agradecida pela amabilidade de vocês, vindo até aqui. Mas creio que, dessa vez, vou agir conforme meus próprios sentimentos.

Depois de se despedirem, Terry e Anderson abandonaram o pequeno escritório, na casa principal do rancho. Stratford ficou, para poder falar livremente com a jovem. Paternalmente, pôs a mão sobre o ombro da garota, dizendo:

— Estou do seu lado, Lorna. Conte comigo para o que der e vier. Pode utilizar meus homens, como reforço da vigilância, enquanto este assunto não for resolvido. E quanto a Morley... bem, eu também confio nele.

A jovem encarou o velho, agradecida.

— Você faz isso... por Nelly?

— Por Nelly? — estranhou o homem. — O que tem ela a ver com isto?

— Ela gosta de Morley.

— Oh, é isso... — riu Stratford. — Não, eu tenho certeza de que isto já passou. Foi uma paixão efêmera. A ajuda que eu lhe ofereço é devida, simplesmente, à grande amizade que eu tinha com seu pai... e que agora tenho por você.

Quando o último rancheiro abandonou o rancho, já deviam passar das onze da noite. Antes de se recolher,

Lorna ainda deu algumas ordens sobre o prisioneiro. A jovem não estava acostumada a tomar decisões, razão pela qual desconfiava de sua própria resolução em confiar em Leslie. Por isso, diante do barracão de madeira, onde estava trancado o prisioneiro, uma sentinela ficaria acordado, vigiando. A cada três horas um novo homem viria rendê-lo.

Leslie sentia o cheiro forte do tabaco, vindo do cigarro que um jovem vaqueiro chamado Chase fumava, na porta do barraco. O prisioneiro passeava de um lado para outro de sua improvisada cela. Parecia-lhe que o tempo havia parado, tal a demora com que os minutos passavam.

Várias vezes o jovem havia metido o olho no buraco da fechadura, não conseguindo ver absolutamente nada, por causa da escuridão exterior.

De repente, quando dava um de seus intermináveis passeios pelo exíguo espaço da cela, ouviu um ruído, vindo do outro lado da fina porta de madeira. Parecia o barulho de um corpo caindo ao chão.

Lentamente, Leslie colou-se à parede, próxima à porta. Uma chave rodou na fechadura, abrindo-a lentamente.

— Leslie! — sussurrou uma voz.

O jovem ficou imobilizado pela surpresa. Novamente, era Watson quem vinha livrá-lo dali. Quando o rapaz saiu do barraco, o homem disse, apontando para um corpo caído no chão:

— Vamos, não podemos perder mais tempo. Não creio que eles demorem muito em vir substituir este aqui.

— Está morto? — assustou-se o jovem.

— Não, bati com pouca força.

Os dois se afastaram dali. Watson fez um sinal com o braço e do meio das sombras saíram Happy e Mel, o "Caveira". Minutos depois, os quatro se perdiam na escuridão.

Nenhum dos quatro havia visto aquela sombra que, encostada numa árvore, lançava chispas pelos olhos. O sujeito estava furioso. A chegada de Watson atrapalhara todos os seus planos. Teria sido muito fácil matar Leslie Morley e acabar com os problemas...

Mas não ousara fazer mais nada, ao descobrir a presença de Watson. Conhecia de sobra a fama daquele homem e sabia ser ele capaz de atirar em alguém, no escuro, e a muitos metros de distância.

Durante algum tempo, o olhar daquela sombra vagou entre o corpo desmaiado de Chase e o local por onde Morley sumira com seus amigos. De repente, fixou-se no corpo do pobre vaqueiro, enquanto um sorriso surgia em seus lábios. Finalmente, decidiu-se a pôr em prática a ideia que lhe surgira, naquele exato momento.

Depois de olhar rapidamente em todas as direções, para certificar-se de que ninguém veria sua ação, a mão daquele homem desceu até a altura de seu cinturão, de onde tirou um pesado e comprido punhal. Rapidamente, andou até o local onde continuava estendido o jovem Chase.

Ao parar ao lado do vaqueiro, sua mão realizou um rápido movimento deixando, por uma fração de segundo, a lâmina prateada à luz da lua, o que produziu um reflexo tênue. O punhal descreveu uma linha reta no ar, entrando pelas costas do homem. A lâmina afiada não teve dificuldades em rasgar o pano da camisa e a carne do jovem.

A única reação do vaqueiro, enquanto o metal entrava por suas costas, na altura do coração, foi um ligeiro estremecimento. Quando o homem retirou o punhal das costas de Chase, este já estava morto.

Andando furtivamente e sorrindo, o sujeito pensava que havia sido melhor assim. Agora, era preciso somente esperar. Assim que descobrissem o corpo de Chase, ele se

mostraria surpreso... Quem ainda poderia ter dúvidas sobre a culpa de Leslie Morley?

Depois de ter matado o homem que o vigiava, Leslie fugiu... Isto era o que todos iriam pensar. Por que ter dúvidas sobre a culpa de Morley? Toda a confiança que Lorna Dalton e os outros rancheiros haviam depositado no jovem desapareceria diante daquele novo dado.

Para todos os crimes, só haveria um culpado: Leslie Morley. A escuridão do céu, no qual não havia uma só estrela, não deixava aquele homem ver que horas seriam... Impaciente, ele aguardava a troca dos guardas...

# CAPÍTULO QUARTO

*Cinco mortos no armazém*

Leslie, olhando pela janela da miserável pensão onde se alojava, situada muito próxima à entrada de Melwood, viu o grupo de cavaleiros que passava pela estrada, aproximando-se. Com surpresa, descobriu que o grupo era encabeçado por Guy Sanders, seguido por uns cinco vaqueiros do "Dalton's Ranch".

Pela expressão dos rostos daqueles homens, adivinhou que eles tinham vindo a Melwood com uma missão determinada, e estava claro que esta missão era só uma: pegá-lo.

Ao entrarem na cidade, os cavaleiros fizeram seus animais diminuírem o passo. Em pleno dia, não era comum o fato de vários vaqueiros irem à cidade, motivo pelo qual todos os olhavam com espanto. Em todas as mentes formava-se o mesmo pensamento: "algo grave ocorreu no Dalton's Ranch."

— Drake, Phil... Abram bem os olhos!

— Ora, você acha que ele é tão estúpido para ficar na cidade?

— É o que nós temos de averiguar — disse Sanders. — Pode ser que ele esteja aqui... E eu tenho quase certeza de que o rapaz não deve estar sozinho.

— Você se refere a Watson? — perguntou Drake, abrindo demasiadamente a boca. — Hummm... Ele é perigoso!

— E daí? — perguntou Guy. — Está com medo?

— Sim, mas isto não quer dizer que eu não sei me comportar — disse Drake, que agora ia na frente dos vaqueiros.

— Está bem, chega de conversa fiada. Já sabem como agir: assim que virem Morley, atirem para matar! Não devemos ter pena de um assassino.

Leslie, que assistira à passagem dos homens, olhando pela janela da pensão onde se alojava, colocou rapidamente seu cinturão, saindo para a rua. Guy e os outros já estavam muito na frente, cavalgando devagar, pelo meio da rua. O jovem ia a pé, escondendo-se na calçada e procurando manter-se o mais perto possível deles.

De repente, uma pequena charrete apareceu na rua principal de Melwood, levantando poeira e chamando atenção dos habitantes, que observavam os movimentos de Sanders e seu homens, à espera de que algo acontecesse. O capataz desmontou de seu cavalo, esperando que o veículo parasse ao seu lado. Então fez um aceno para Nelly e Stratford, que vinham na charrete.

— Sanders... está acontecendo algo por aqui? — perguntou a jovem, estranhando todo aquele movimento.

— Sim, senhorita Nelly — disse o homem, sorrindo maliciosamente. — Leslie Morley provou que é realmente um assassino!

— Como? — perguntou Bob Stratford. — Explique-se.

Guy aproximou-se mais do veículo e começou a falar. O homem o fazia em voz alta, com a evidente intenção de ser ouvido por todos os que passavam na rua...

— Bem, senhor Stratford, Leslie Morley fugiu do barraco onde o havíamos prendido e. não contente com isso, matou com uma punhalada pelas costas o pobre vaqueiro que montava guarda!

Quando Sanders disse isso. Nelly ficou pálida. Stratford, por sua vez, olhava boquiaberto para Sanders, com uma expressão de incredulidade.

— Este último crime de Morley, — continuou Sanders, com evidente prazer. — é inqualificável. Agora, acho que ninguém poderá ter mais dúvidas de que ele é um assassino.

Enquanto Guy dizia isto, Morley apertava-se contra a parede onde se encostara. Tinha certeza absoluta de que não havia matado ninguém. Pelo que ele entendera, o tal Chase devia ser o vaqueiro que montava guarda em frente ao barraco onde ele fora preso. O jovem tinha certeza de que Watson não havia apunhalado o homem, pois quando passara por ele vira-o desacordado.

A estupefação que sentia foi se transformando numa raiva crescente, e Leslie teve vontade de pular para o meio da rua, amassando a cara daquele sujo mentiroso ali mesmo. Enquanto tentava se controlar, as mãos do jovem acariciavam os dois revólveres que trazia pendurados no cinturão.

Voltou a prestar atenção na conversa, quando ouviu a voz de Nelly, que dizia:

— Então, se é assim, nós ordenaremos aos nossos homens para ficarem alerta. Temos que tomar cuidado com esse assassino!

Stratford concordou, balançando a cabeça, lentamente. Em seguida, a jovem fez um sinal com a mão e o vaqueiro que conduzia a charrete estalou o chicote nas ancas dos animais.

O veículo parou logo adiante, e pai e filha desceram entrando no armazém de Evans. Leslie notou como Sanders contemplava a jovem, com um olhar irônico, para logo lhe dar as costas, entrando com Drake e Phil num saloon. Morley achou que aquele era o seu momento. Tinha de conversar com Nelly, convencê-la de sua inocência.

Neste momento, o jovem pensou em Lorna. A garota pensaria que ele havia traído sua confiança... pensando nisso, sentiu uma indefinível sensação de mal-estar.

Bem, mas era preciso falar com os Stratford.

Lentamente, sem fazer movimentos bruscos, para não chamar a atenção dos vaqueiros de Sanders, que ainda estavam espalhados pela rua, Leslie aproximou-se do armazém, entrando nele. Parou no interior da loja, olhando fixamente para Nelly, que estava de costas para a porta. Seu olhar foi tão intenso, que logo a jovem percebeu sua presença, virando-se de costas.

Quando o viu, seus olhos abriram-se demasiadamente, enquanto ela exclamava:

— Você...? Mas como se atreve...?

— Eu só queria vê-la de perto, Nelly — sorriu Leslie, tristemente, percebendo que se arriscara inutilmente, já que o olhar de Nelly não expressava os sentimentos que ele esperava.

Enquanto falava, o jovem havia se colocado de costas para as prateleiras, tentando dominar a porta da rua com o olhar. Além dele e dos Stratford, havia mais quatro pessoas no armazém: Evans, o dono, o vaqueiro que acompanhava Nelly e duas velhas, que ao verem Leslie Morley em pessoa começaram a tremer e procurar a saída, pois acreditavam em tudo o que se falava sobre o jovem, na cidade.

— Pois bem, você já me viu, Leslie — disse a jovem, encarando-o friamente. — Você é um estúpido! Sabe que toda a equipe do "Daltons's Ranch" está atrás de você?

— Sim, — disse o jovem, sorrindo. — Inclusive o próprio Sanders, um assassino.

— Está louco? — quase gritou Nelly, histérica.

— Lorna tem a mesma opinião — disse Stratford, calmamente. — Eu também... sempre o considerei uma pessoa decente, Morley, mas... agora...

— Vocês não entendem que tudo isto foi uma armadilha, senhor Stratford — disse Leslie, encarando o rancheiro. — Mas eu demonstrarei minha inocência, assim que tiver Sanders em minhas mãos.

— Bah! — cortou Nelly, com raiva. — Sanders está apaixonado por Lorna. Como ele ia querer fazer-lhe mal?

Pela primeira vez, Leslie notou a frieza daquela jovem, que gritando daquela maneira era tão pouco feminina. Ocupado com seus pensamentos, o jovem não notou os furtivos movimentos de Baxter, o vaqueiro que acompanhava os Stratford. O homem havia se colado ao balcão e, aproximando-se por trás de Morley, tentava sacar seu revólver.

Mas a expressão de angústia, quase de prazer, do rosto de Nelly, avisou o jovem do perigo que corria. Rapidamente, ele virou-se para trás, lançando a mão direita violentamente contra o estômago do homem.

Baxter dobrou-se sobre a barriga, largando o revólver que acabara de sacar. A arma caiu no chão com estrondo, e as duas velhas que faziam compras no armazém saíram correndo porta a fora, gritando histericamente, adivinhando a proximidade do perigo.

— Estúpido! — gritou Nelly, com raiva, ao ver que Baxter não conseguiria realizar o que pretendia.

O vaqueiro não tardou em reagir, jogando-se no chão e esticando o braço para pegar sua arma, mas o pé de Leslie agiu mais rápido. Com um violento pontapé, chutou a arma para longe. Mas, se conseguiu tirar o revólver da mão de Baxter, não evitou que este lhe agarrasse a perna, puxando-a com força e jogando-o no chão.

O vaqueiro não perdeu tempo em socar o corpo de Morley. Sabia perfeitamente onde estava sua arma, e correu para lá, agarrando-a e disparando contra o jovem. Leslie deu um salto, escondendo-se atrás do balcão, enquanto várias garrafas se estilhaçavam, atingidas pelos disparos do homem.

O jovem maldizia a atitude do sujeito, pois os tiros certamente chamariam a atenção de Sanders e seus homens, tomando sua situação muito mais perigosa.

Leslie não tinha interesse em matar ninguém, mas logo percebeu que se não atirasse contra Baxter não conseguiria sair dali com vida. O vaqueiro estava no meio do armazém, disparando sua arma como um louco, talvez dominado pelo medo. Esquivando-se dos tiros, o jovem sacou seu revólver. Fez pontaria no braço do homem, pois não queria matá-lo. Disparou.

O impacto do projétil, que atingiu em cheio o ombro do vaqueiro, derrubou-o no chão. Mas, se Leslie pensava que isto bastaria para tirá-lo da luta, enganou-se. Deitado no chão, com o sangue escorrendo pelo braço, o homem continuava a martelar o gatilho de sua arma, atirando perigosamente contra o local onde Morley se protegia, atrás do balcão.

O jovem, de repente, tomou uma decisão: não deixaria que o culpassem por mais um crime! Levantou-se, correndo em ziguezague na direção de Baxter. Antes que o vaqueiro

pudesse reagir, os braços de Leslie o agarraram, desviando a mão armada, que continuava apertando o gatilho.

Os dois homens rolaram, atracados. Enquanto fazia força para desviar o cano da arma de seu adversário, Morley ouviu uma detonação, muito próxima de seu corpo. De repente os músculos do vaqueiro pararam de fazer força, todo o seu corpo se relaxou, e o homem caiu deitado. Seu rosto estava destruído por um balaço, que lhe entrara pelo queixo, estourando-lhe o crânio.

Leslie levantou-se, lentamente, sem entender o que se passara. Ele não havia disparado, sua arma ainda estava no coldre... Quando o jovem se levantou, o cadáver ensanguentado de Baxter ficou a descoberto, e Nelly o viu. O grito histérico da jovem trouxe Morley de volta à realidade.

Stratford cobriu o rosto de sua filha, protegendo-a daquela visão, enquanto balançava a cabeça, culpando Leslie pelo ocorrido. Leslie, com os braços caídos ao longo do corpo, contemplava o cadáver, ainda sem entender. Ele não disparara...

— Assassino! — gritou Nelly, que se afastara de seu pai, parando na frente de Morley. — Você pagará por isto! Será enforcado! Assassino...!

— Calma, filha... — disse Bob, mostrando-se razoável. — Tudo não passou de um lamentável acidente... Leslie não teve culpa, foi a arma de Baxter que disparou...

Bob Stratford quis terminar sua frase, mas sua voz foi abafada pelas explosões das armas de quatro vaqueiros do "Dalton's Ranch" que haviam entrado de surpresa dentro do armazém.

O movimento de Morley foi simples: deu um salto sobre o balcão, escondendo-se ali, enquanto dois revólveres apareciam, como se fosse por mágica, em suas mãos.

Agora, o jovem não estava mais assustado. Em seus olhos havia uma fria determinação, tinha de defender sua vida. Observando a situação, Morley pensou que não lhe seria difícil sair dali. Afinal, os vaqueiros do rancho não eram grandes coisas na pontaria, e possivelmente não lhe dariam muito trabalho. Mas, só quando tentou levantar um pouco a cabeça por cima do mármore do balcão, foi que o jovem compreendeu que a situação era bem diferente do que estava imaginando.

Assim que um fio de seu cabelo apareceu por sobre o balcão que lhe servia de proteção, uma saraivada de balas cortou o ar, espatifando vários objetos nas prateleiras. Não, aqueles não eram simples vaqueiros do "Dalton's Ranch" ... Pelas ações daqueles quatro homens, estava claro que eles não eram pessoas acostumadas a lidar com animais o dia inteiro, usando as armas em ocasiões esporádicas... Eram pistoleiros, pistoleiros profissionais!

O "Dalton's Ranch" estava cheio de pistoleiros, entre o seu pessoal! Cada vez, para Leslie, a situação ficava mais clara. Tudo isso devia fazer parte do sujo jogo de Sanders. Aqueles pistoleiros deviam ser os mesmos encarregados de fazer o gado desaparecer. Sanders havia organizado uma quadrilha, dentro do próprio rancho.

E isto queria dizer que Lorna estava constantemente em perigo, sem o saber. Ao pensar nisso, uma estranha sensação percorreu todo o corpo de Morley. Mas em sua mente só havia um pensamento: escapar dali! Escapar daquela ratoeira!

Os quatro pistoleiros não faziam o menor ruído, nem disparavam suas armas em vão. Sabiam perfeitamente que Leslie não poderia ficar ali, indefinidamente. Teria de sair de trás daquele balcão... e isso significaria sua morte.

Suando por todos os poros, com as armas firmemente apertadas entre seus dedos, o jovem pensava no que fazer. Precisava sair dali, passando para o balcão do outro lado do armazém. Só assim teria alguma chance de ganhar a porta dos fundos, desaparecendo pela outra ma. Se saísse à rua, certamente teria de enfrentar os verdadeiros vaqueiros do "Dalton's", que, juntamente com Sanders, deviam estar preparando o cerco.

O jovem tentou levantar-se, para iniciar sua corrida suicida em direção à porta traseira, mas um tiro, que passou assobiando a poucos centímetros de seu ouvido, fê-lo desistir. Quando tomou a se proteger atrás do balcão, Leslie percebeu que um dos pistoleiros levantara imprudentemente a cabeça. Os dedos do jovem crisparam-se sobre a coronha da arma, e o cano vomitou fogo, três vezes seguidas.

A cabeça que aparecera sobre o balcão estourou como um tomate maduro, dando morte instantânea ao sujeito. Os outros ficaram furiosos com aquilo, disparando mais violentamente do que nunca. Um dos homens, resolvendo acabar de uma vez por todas com aquilo, levantou-se, pulando para cima do balcão. Com uma arma em cada mão, o sujeito deu uma gargalhada, prevendo o final daquele tiroteio, pois já considerava ganha aquela luta...

Mas sua gargalhada foi subitamente interrompida por uma golfada de sangue que lhe surgiu na boca, ao mesmo tempo em que três orifícios vermelhos apareciam em seu peito. Lentamente, o sujeito relaxou a pressão de seus músculos, deixando suas armas caírem no chão. Logo depois, ele seguia o mesmo caminho, chocando-se com violência contra o chão.

O grito histérico que acompanhou a queda do sujeito deu a Leslie a certeza de que Nelly não abandonara o local.

Naturalmente a jovem estava ali, esperando o resultado, que só podia ser um...

Aproveitando-se da confusão criada por mais esta morte, Morley levantou-se cobrindo com dois passos a distância que o separava do balcão do outro lado do armazém. Sua queda no chão, em local protegido, foi acompanhada por uma saraivada de balas, que fizeram novos buracos nas paredes de madeira.

Agora, o jovem já não tinha dúvidas quanto ao que fazer: no meio de uma chuva de chumbo, que não o podia alcançar porque ele estava protegido, Leslie pulou contra a porta dos fundos do armazém, abrindo-a com o impacto de seu corpo, e caindo do outro lado, num escuro e comprido corredor.

Em menos de um segundo, ele já estava novamente em pé. Olhou o corredor e considerou a possibilidade de fugir, logo desistiu, pois percebeu que os dois pistoleiros chegariam ali antes que ele conseguisse alcançar a rua, e então seria um alvo fácil para seus tiros mortais.

Agindo rapidamente, Morley escondeu-se atrás da porta recém-aberta, esperando o desenrolar dos acontecimentos. Aos trambolhões, os dois pistoleiros passaram sob o vão da porta, disparando suas armas contra o corredor vazio, onde eles acreditavam estar Morley. O jovem, com um revólver em cada mão, apertou o gatilho seguidamente. Os seis tiros, três em cada arma, atingiram os sujeitos pelas costas, empurrando-os para a frente.

Sem perder tempo em contemplar os cadáveres, Leslie pulou sobre os corpos, ganhando o corredor e desaparecendo pela rua calma e vazia, que ficava nos fundos do armazém de Evans.

No interior do prédio, com os olhos muito abertos e quase sem acreditar no que viam, Nelly, Bob e Evans

contemplavam os cadáveres. Várias pessoas, que assistiram ao tiroteio da rua, entraram apressadamente no armazém, parando diante daquele espetáculo inesperado. Segundos mais tarde, Sanders, acompanhado de Drake e Phil, entrou na loja.

— O que houve? — perguntou Drake, assustado.

Ninguém lhe respondeu, pois não era necessário.

Com os olhos apertados e os dentes mordendo os lábios, Sanders tinha o ódio estampado no olhar, enquanto olhava os cadáveres que se espalhavam pelo local, nas mais grotescas posições.

— Foi Morley... — balbuciou Evans. — Nunca pude imaginar que alguém fosse capaz disso...

— Cale-se, imbecil! — gritou Sanders, furioso, batendo com o dorso da mão no rosto do dono da loja. — Morley é um assassino e matou estes homens a traição!

— Pois você se engana! — respondeu Evans, com voz firme. — Leslie Morley matou-os numa luta limpa. Eram quatro contra um, e ele não fugiu da luta... Isto é matar a traição?

O silêncio tomou conta do local. Sanders, com os olhos injetados de sangue, controlava-se para não se lançar contra Evans. Sentia vontade de espancar aquele homem, mas não seria interessante, no momento, pois muita gente olhava a cena.

— Morley apunhalou um de meus homens pelas costas! — disse Sanders, finalmente. — Tenho provas disso!

Enquanto falava, Guy olhava para os Stratford e para Terry Strong, que aparecera ali, atraído pelo barulho. O capataz, furioso, olhava todos os presentes, percebendo que eles não acreditavam no que dizia Ele havia tentado levantar os ânimos da população contra Leslie Morley, mas não

conseguira. E, o pior de tudo, era que Morley continuava vivo!

Sanders pensou que Morley logo saberia que o assassino de Chase só poderia ser um dos homens do "Dalton's Ranch", e logicamente suspeitaria do capataz. Agora, o capataz percebia que havia matado Chase inutilmente. Havia tentado lançar todo mundo contra Leslie, e nada conseguira com isso. Finalmente, o homem virou-se para Drake e Phil, que estavam com a boca estupidamente aberta, estampando nos olhos o medo que sentiam, dizendo:

— Vamos, imbecis! Tirem os cadáveres daí!

Poucos minutos depois, cinco cadáveres estavam alinhados, dentro da funerária de Melwood. Sanders que, com muita dificuldade conseguir controlar a raiva e nervosismo, disse, virando-se para os Stratford e Terry Strong:

— Devo voltar ao rancho, para comunicar à patroa o que aconteceu.

— Nós vamos com você — disse Nelly. — Quero falar com Lorna sobre isso...

No rosto de Terry Strong havia um sorriso irônico. O homem brincava com os dedos, mexendo na pesada corrente de seu relógio. Olhando fixamente para o rosto de Sanders, disse:

— Também vou, pois não perco uma ocasião de conversar com minha bela vizinha...

Sanders sentiu algo estranho, ao ouvir aquelas palavras. Grunhindo algo ininteligível, saiu do armazém, montando em seu cavalo. Instantes depois, a pequena comitiva se punha em marcha, em direção ao "Dalton's Ranch". As seis milhas que separavam a cidade da sede do rancho foram

percorridas lentamente. Àquela hora, o sol queimava fortemente, e até os cavalos mostravam-se indolentes.

Quando a comitiva chegou ao rancho, Lorna estava de pé na porta da casa, falando com um grupo de vaqueiros. Não lhe foi difícil compreender o que se havia passado: acabara de perder mais quatro homens. Quando a jovem e os vaqueiros souberam de tudo o que acontecera na cidade, poucos minutos antes, Nelly aproximou-se de Lorna, dizendo:

— Lorna, eu a avisei... Acho que você fez mal cm...

— Não continue, Nelly. Eu sei o que você vai dizer. Agora, mais do que nunca, estou disposta a tocar este rancho para a frente e pegar este assassino!

— Mas Lorna... — insistiu Nelly. — Você não entende que isto é uma tarefa muito superior às suas forças...

Drake, Phil e os outros vaqueiros haviam se retirado, indo comentar os acontecimentos no barracão dos vaqueiros. O grupo agora era formado pelos Stratford, Sanders, Terry Strong e Lorna. Terry, aproximando-se de Lorna, disse:

— E, do mesmo jeito que Evans, não creio que Morley fosse capaz de assassinar alguém pelas costas — enquanto dizia isso, o homem olhava fixamente para Sanders. — E, quanto a você, Lorna, creio que o melhor seria aceitar a companhia de Nelly. Tem acontecido coisas muito estranhas neste rancho, ultimamente, coisas estranhas e perigosas...

A jovem tinha rugas de preocupação em seu belo rosto. Não conseguia imaginar a identidade do assassino, se este não fosse realmente Morley. Enquanto pensava nisso, torcendo as mãos de nervosismo, Terry Strong, deu-lhe a resposta para suas dúvidas:

— É muito provável que haja. um traidor neste rancho. O homem que matou Chase deve ser um de seus homens...

As palavras sensatas de Terry pareceram impressionar os presentes. Sanders reagiu no mesmo instante.

— Isso é uma estupidez!

Os olhos de Terry semicerraram-se, olhando fixamente para o capataz, enquanto dizia:

— Por outro lado, acho que sua posição neste caso não está muito clara, Sanders — disse o homem, falando lentamente e enfatizando cada palavra.

— O que você está insinuando? — perguntou o capataz, ficando pálido.

— Nada. Simplesmente, estou lhe dando um aviso: tome cuidado com o que faz!

Sanders, embaraçado, achou que devia fazer algo para sair daquela situação comprometedora. Aquilo não podia ficar assim, principalmente diante de Lorna. Furioso, o capataz levantou os enormes braços, agarrando Terry Strong pela gola do casaco. Mas, se Guy agiu com rapidez, o gordo rancheiro foi ainda mais rápido. Sua mão direita entrou e saiu do bolso do casaco, trazendo uma pequena pistola Derringer, que apertou contra a barriga do capataz.

— Largue-me, Sanders... — disse Strong, com calma. — Solte-me, ou eu lhe estouro a barriga!

Apesar de pronunciar as palavras com muita calma, o rancheiro não diminuiu a pressão do curto cano na barriga de Sanders.

Sem alternativa, o capataz largou a gola do rancheiro, afastando-se. Em seguida, com um enorme sorriso nos lábios, o homem brincou um pouco com a arma, rodando-a entre os dedos. Disse depois:

— Não vou matá-lo, Sanders... Acho que existe alguém com mais direito de fazer isto do que eu...

Depois dessas palavras, Strong deu as costas ao pequeno grupo, indo em busca de seu cavalo.

# CAPÍTULO QUINTO

*O estouro da boiada*

Leslie bebia o uísque que haviam lhe servido no "Nevada", dando pequenos goles. Estava preocupado. Fazia dois dias que não acontecia absolutamente nada. O jovem andava pelos locais mais frequentados de Melwood, na esperança de se encontrar com Sanders, inutilmente. Parecia que o capataz havia sido engolido pela terra, pois ninguém o vira na cidade.

Ao mesmo tempo, Morley sabia que Guy não sossegara enquanto não o visse morto. De repente, a atenção do jovem foi despertada pela chegada de quatro homens, que entraram no saloon, andando displicentemente e empurrando os outros fregueses. Tinham aspecto de vagabundos, com roupas sujas e maltratadas, enquanto seus rostos eram cobertos por uma barba de vários dias.

Os quatro encostaram-se no balcão, pedindo rum ao garçom. Logo. um deles, de enorme cabeleira ruiva, disse para os outros:

— Já sabem, rapazes, nada de muita bebida. Temos um trabalho para fazer esta noite.

— Ora, Bizco... — grunhiu o outro. — O trabalho que nós fazemos até uma criança podia fazer. Nunca ganhei um dinheiro tão fácil em minha vida.

Leslie, disfarçadamente, aproximou-se deles, prestando atenção para não perder uma só palavra do que diziam.

— De qualquer jeito, Milk, o importante é sairmos logo daqui. Melwood não é o local ideal para nos divertirmos. Quando chegarmos a Carson City... aí sim, será uma farra.

— Bem, — disse Bizco. — De qualquer maneira, é bom que nenhum de vocês beba demasiado esta noite... Com mais alguns trabalhos como este, poderemos passar uma boa temporada em Carson City, gastando dinheiro à vontade.

De repente, os olhos de um dos homens, que os outros chamavam de Big, abriram-se demasiadamente. Lentamente, ele disse aos seus companheiros, sem desviar o olhar do outro lado do salão.

— Amigos... é certo o que estou vendo?

Todos olharam para a mesma direção, e foi Colbert quem confirmou, com a boca ligeiramente trêmula:

— Sim... nada menos do que o capitão Watson! Leslie olhou para a mesma direção, descobrindo Watson, que com Happy e Mel, o "Caveira", estava encostado numa mesa.

— Será que ele nos reconhecerá? — perguntou Bizco.

— Não me alegro nem um pouco em encontrá-lo... — murmurou Big. — Nós o deixamos em péssima situação, quando desertamos.

— Bem, mas isto foi há muito tempo...

— Silêncio! Ele está vindo para cá...

Realmente, Watson, acompanhado de seus dois amigos, estava vindo em direção do balcão onde Leslie estava encostado, ao lado dos quatro homens. Quando os três homens pararam diante dos quatro que conversavam, Bizco fingiu surpresa, exclamando:

— Que surpresa agradável! É o capitão Watson em pessoa, rapazes!

Bizco e Colbert estenderam suas mãos, que foi olhada com desprezo por Watson. Enquanto recolhia a mão, que ficou inutilmente no ar, Bizco disse, com ar de desculpa:

— Bem... a guerra terminou há muito tempo, não?

— Mas para alguns ela terminou antes... Estou me referindo aos desertores — disse Watson, falando calmamente, mas com um brilho ameaçador nos olhos.

Os quatro homens estavam pálidos. Bizco, que parecia ser o chefe do bando, meteu a mão no bolso. Fez este movimento muito lentamente, sabendo que os olhos de Watson acompanhavam todos os seus gestos. Retirou uma nota suja e amassada, colocando-a sobre o balcão. Em seguida, virando-se para seus companheiros, disse...

— Vamos, rapazes. Temos trabalho...

Os homens começaram a caminhar, mas a mão de Watson fechou-se sobre o braço de Bizco. detendo-o. Quando este se virou, encarando Watson. este perguntou:

— Espere, Bizco. Conheço alguma coisa sobre suas atividades... O que você faz em Melwood?

— Oh... — sorriu o homem. — Estou aqui a negócios, sabe? Agora, somos condutores de gado.

Leslie, que acompanhava atentamente a conversa, aproximou-se de Watson.

— Olá, Leslie — disse este. — Interessante o trabalho deles, não é?

— Muito... — concordou o rapaz.

— Sinto muito — interrompeu Bizco, mas nossa equipe já está completa — e, suavemente, desprendeu-se da mão de Watson, saindo do saloon, acompanhado por seus homens.

Os quatro homens que ficaram no “Nevada” olharam-se com uma expressão de entendimento.

— Acho que pensamos a mesma coisa... — comentou o mais velho, sorrindo.

Os outros limitaram-se a balançar a cabeça, enquanto Mel acariciou a coronha de sua arma, dizendo:

— Acho que teremos trabalho.

— Temos de agir com calma. Qualquer precipitação de nossa parte pode espantar a caça — disse Watson. — Além disso, acho que sabemos para onde eles se dirigem, não?

Em silêncio, os quatro abandonaram o local, ganhando a rua, à procura de seus cavalos.

* * *

— Não estou vendo Sanders — murmurou Leslie. — Isto é estranho...

— São somente oito homens, contando com os amigos de Bizco e ele próprio — disse o "Caveira", animado com a perspectiva de luta. — Sanders, nós encontraremos mais tarde.

A manada de reses andava lentamente, atravessando uma garganta existente naquela região montanhosa O grupo de Watson estava bem colocado, a uma distância razoável dos ladrões de gado, mas num local em que estes teriam obrigatoriamente de passar.

— Há mais de duzentas cabeças nesta manada, Leslie — disse Happy. — Dessa maneira, eles arruinarão o rancho em pouco tempo... Mas o que eu não entendo é o motivo que Sanders pode ter para arruinar o rancho, já que ele pretende se casar com Lorna e tomar-se proprietário do rancho...

— Eu também já pensei nisso, mas não cheguei a conclusão alguma — concordou Leslie. — Mas, de

qualquer maneira, está provado que são os próprios vaqueiros do “Dalton’s Ranch” que roubam o gado.

— Esperem! — disse Watson, pedindo silêncio. — Acho que chegou o momento de agir!

Realmente, os oito homens, quatro do grupo de Bizco e quatro vaqueiros do rancho, haviam se reunido, cavalgando ao lado da manada. Mel e Happy afastaram-se de Watson e Morley, indo para o outro lado da garganta, onde os bandidos passariam, dentro de poucos minutos. Quando o grupo se situou na linha de tiro de Happy, este apontou sua arma, disparando.

Um dos vaqueiros foi atingido em cheio, sendo derrubado da sela e caindo no chão, onde ficou imóvel. Antes que seus companheiros pudessem entender o que se passava, Leslie gritou:

— Quietos! Levantem os braços!

Mas seu grito perdeu-se no meio dos mugidos do gado, assustado pelo tiro. Bizco compreendeu imediatamente o que se passava, percebendo o perigo que corriam, por estarem muito perto do gado, que logo se assustaria com o tiroteio, e saiu em disparada. Pensando em proteger-se, o homem tentou fugir, esporeando o animal.

O tiro de Watson, que tinha o peito de Bizco exatamente em sua alça de mira, atingiu em cheio o alvo. O desertor deu um grito de dor, enquanto caía do cavalo. Seu pé ficou preso ao estribo, e o corpo, já sem vida, foi arrastado por muitos metros, na cavalgada desesperada do animal.

Os outros ladrões haviam buscado proteção na parede rochosa que formava a garganta. Enquanto Watson, Mel e Happy disparavam contra eles, Leslie, agindo rapidamente, correu com seu cavalo, situando-se na frente da manada, que agora corria alucinadamente. Parando, a poucos metros do gado, Leslie começou disparar contra os bois que iam na

frente, assustando-os. Não demorou muito para que toda a boiada mudasse de direção, começando a correr para o lugar de onde tinha vindo, ou seja, rumo ao rancho Dalton.

As pisadas das duzentas reses no chão abafavam qualquer ruído. Somente quando o gado já estava distante dali Morley conseguiu distinguir os disparos de ambos os grupos, que continuavam num cerrado tiroteio.

Observando atentamente, Leslie descobriu que ainda havia três ou quatro bandidos em condições de lutar. Os outros já haviam sucumbido sob o fogo de Watson e seus companheiros. O jovem se escondeu atrás de umas pedras, arrastando-se no chão, em direção ao local onde os bandidos se protegiam. Não tardou a se encontrar exatamente atrás deles, tendo um alvo magnífico para seus revólveres.

O primeiro tiro disparado pelo rapaz fez com que um dos homens jogasse as armas para o alto, segurando a cabeça com as duas mãos. Logo, seu corpo relaxou e ele caiu ao chão, ficando numa estranha posição, com os olhos abertos e vidrados.

Os outros dois, percebendo que se ficassem ali seriam caçados pelos tiros daquele novo personagem, abandonaram o refúgio, correndo como loucos, sem proteção alguma, enquanto disparavam em todas as direções.

Watson não chegou a atirar duas vezes. Seu primeiro tiro derrubou um dos homens, mas antes que tivesse tempo para apertar novamente o gatilho, o segundo e último ladrão caiu morto com a cabeça varada por um balaço de Happy.

— Não sobrou nenhum... — comentou Mel, sorrindo, assim que os quatro se reuniram.

— Seria melhor que tivesse sobrado — disse Watson. — Assim, pelo menos, saberíamos mais detalhes sobre toda essa estória...

— Sim, mas ainda resta Guy Sanders — disse Leslie, que contava, mentalmente, quantos pistoleiros ainda devia haver no rancho. — E nós temos de ir lá no rancho, agora mesmo. Precisamos ter uma conversa com Sanders...

Animados pela proximidade da resolução de tudo aquilo, os quatro montaram novamente em seus cavalos, seguindo o mesmo caminho usado pelo gado, que havia corrido desesperadamente cm direção ao “Dalton’s Ranch".

— Temos um ponto a nosso favor — disse Leslie, quando estavam próximos à sede do rancho. — Os vaqueiros que restam devem estar ocupados em reunir e acalmar o gado que nós espantamos.

— Sim, isso é verdade — concordou Watson, falando com Leslie. — Mas o que você pretende fazer agora?

— Em primeiro lugar, falarei com Lorna, pois ela pode ajudar-nos. Enquanto isso, vocês procuram Sanders...

— Não será uma tarefa muito fácil — comentou Watson. — Ele deve estar junto com os rapazes do rancho, tentando reunir o gado. De qualquer jeito, vigiaremos o dormitório...

Pouco depois, os quatro homens desmontavam, escondendo seus animais atrás de uns arbustos. Seguiram a pé, andando cautelosamente em direção à sede do rancho. Com um aceno de mão, Leslie despediu-se de seus três companheiros, que continuaram caminhando cm direção ao aposento dos vaqueiros, enquanto ele, sozinho, entrou na casa principal.

Havia luz num dos quartos, e o jovem alegrou-se por este fato. Isto só podia significar uma coisa: Lorna estava ali! Quando chegou perto da porta, o jovem teve uma

surpresa. Lorna não estava em seu quarto, como tinha imaginado, mas sim ali, na sua frente, sentada na pequena escada da porta principal da casa, com a cabeça apoiada nas duas mãos, chorando convulsivamente.

Procurando não fazer o menor ruído, Morley aproximou-se, com o corpo colado na parede, até parar, a menos de dois metros de Lorna. Pelo visto, ela não tinha ouvido nada, pois continuava com a cabeça baixa, chorando.

— Lorna... — sussurrou o rapaz.

A garota levantou a cabeça, rapidamente. Ao reconhecer o homem que a chamava, seus olhos encheram-se com uma expressão de infinita ira, enquanto seus lábios se apertavam numa maldição:

— Você? Desgraçado...!

Lorna, precipitadamente, tentou se levantar. Mas, antes de fazê-lo, pareceu pensar melhor, virando-se para pegar o chicote, que estava caído no chão, perto da escada onde estivera sentada. Mas, quando sua mão se fechou sobre o punho do chicote, sentiu-se imobilizada pelo aperto de uma mão forte e tranquila, ao mesmo tempo.

— Não é necessário o chicote, Lorna.

Agitada, trêmula, a jovem olhou fixamente para os olhos de Leslie, ao mesmo tempo que tentava livrar-se da mão que ainda a imobilizava.

— Esse estouro do gado foi provocado por mim mesmo, Lorna. Tomei o cuidado de dirigir a manada para cá... Posso provar isso para você...

— Nada disso, assassino! Você já conseguiu enganar-me uma vez, e é o suficiente. Assassinou o pobre Chase...

— Não fui eu, Lorna! Tem de acreditar em mim!

Encarando fixamente aquele homem, que continuava segurando seus punhos, Lorna sentiu que sua ira se

desmanchava como que por encanto. Aqueles olhos azuis, sinceros... aquele tom de voz... Não, ele não podia estar mentindo!

A garota, confusa, tensa, sem saber que atitude adotar, resolveu, por fim, seguir seus sentimentos, confiando em Leslie e esquecendo-se do resto. Soluçando, de repente abraçou-se ao homem, rodeando seu pescoço com os braços ao mesmo tempo em que apoiava sua cabeça no largo peito de Morley.

Por sua vez, Leslie, sentindo o perfume da jovem tão próximo de si, sentiu que seu coração perdia o compasso, batendo aceleradamente.

— Lorna...

A garota levantou a cabeça. Seus olhos estavam úmidos pelas lágrimas, enquanto sua boca tremia, contendo o choro que tomava conta de sua vontade.

— Leslie... você tem de me ajudar... isto tudo é horrível... — disse Lorna, que, em seguida, recuperou a tranquilidade, enxugando as lágrimas que lhe banhavam o rosto, e encarando o jovem com mais serenidade.

— Eu a ajudarei, Lorna...

— Você ainda a ama?

— Não! — disse o homem, surpreendendo-se com a rapidez que ele próprio respondera. — Mas... vamos deixar isso para depois, Lorna. Onde está Guy Sanders?

— Acho que com os outros vaqueiros... O que houve?

Leslie explicou-lhe tudo o que acontecera naquela noite, inclusive sobre os oito cadáveres que estavam na garganta por onde o gado era levado, depois de roubado do rancho.

— Então Terry Strong tinha razão — disse a jovem. — Ele disse que havia um traidor, dentro do rancho, e lançou uma acusação contra Sanders.

— Bem, neste caso só falta pegarmos esse desgraçado.

— Leslie... eu tenho medo. Tenho medo que aconteça algo a você...

— Não se preocupe, querida... — disse o rapaz, acariciando o rosto da jovem. — Estou protegido. Watson me protege e não deixará que me aconteça nada.

— Esse homem... o que une vocês, Leslie?

— Não sei, Lorna — disse Morley, intrigado. — A única coisa que sei é que ele é o melhor homem que conheci. Não sei que motivos pode ter a lei para...

— Leslie!

O jovem virou-se rapidamente, surpreendido. O que Watson fazia ali? Algo grave devia ter acontecido, pois a voz de Watson tinha soado rouca, ansiosa. E ele não era homem de se assustar facilmente.

Lorna abriu muito os olhos ao ver Watson. Um brilho de surpresa e compreensão passou por seu rosto. Seu instinto feminino não podia se enganar. Ao compreender, sorriu interiormente.

— O que houve, Watson? — perguntou Morley.

— Será melhor que você mesmo veja... Siga-me.

Surpreso, Leslie seguiu Watson, com Lorna atrás, indo os três para o barracão onde dormiam os vaqueiros do rancho. No lado esquerdo da entrada, havia um cômodo separado, ocupado pelo capataz. Happy e Mel, o "Caveira", estavam apoiados na porta, fumando cigarros e com uma expressão séria no rosto.

Quando chegaram ao lado da porta, os dois jovens deram uma olhada para o interior, surpreendendo-se.

— Meu Deus...! — disse Lorna, cobrindo o rosto com as duas mãos.

— Não compreendo... — balbuciou Leslie, virando-se para Watson, que continuava a encará-lo, seriamente.

— Guy Sanders foi assassinado há várias horas — declarou o ex-capitão. — O corpo já está frio. Meteram-lhe um punhal no peito, na altura do coração.

Leslie sentia-se confuso. A morte do capataz desviava o rumo que seus pensamentos tinham seguido até agora. Naquele exato momento, um grupo de vaqueiros chegava ao barracão. Vinham encabeçados por Drake e Phil.

— Conseguimos dominar o estouro do gado, patroa — disse Phil, enquanto todos os homens desmontavam e se aproximavam do pequeno grupo formado na porta do barracão. Quando o vaqueiro viu quem eram aqueles homens, ficou subitamente trêmulo: — Mas... esses homens são...

Em vez de completar a frase, Phil achou melhor sacar sua arma. Levou, rapidamente, a mão direita ao coldre. Mas antes que seu revólver saísse do lugar, já a arma de Leslie estava apontando diretamente para a cabeça do vaqueiro.

— Não seja estúpido, rapaz! — disse Morley.

— Quieto, Phil... — ordenou Lorna. — Graças a esses homens nós conseguimos recuperar o gado. E quanto a Sanders... — os olhos da jovem dirigiram-se ao interior do barracão. — Ele está aí dentro!

Todos os vaqueiros, encabeçados por Phil e Drake, meteram a cara no interior do barraco. A mesma surpresa estampada no rosto de Leslie e Lorna, minutos antes, apareceu agora no rosto daqueles homens. Watson os estudava, tentando descobrir alguma atitude que os incriminasse. Mas, depois de algum tempo, foi obrigado a convencer-se de que o assassino não estava ali.

— Lorna, — perguntou Leslie — você conhece todos os seus vaqueiros? Acha que algum deles...?

A garota olhou os oito homens que lhe restavam no rancho, balançando a cabeça, negativamente.

— De qualquer maneira, — continuou o jovem. — Os homens que nós surpreendemos roubando o gado não eram vaqueiros e sim pistoleiros...

— Eu não sabia. Sempre foi Sanders quem contratou o pessoal.

— Então podemos ter certeza de que foi o próprio capataz que encheu este rancho de pistoleiros.

— Mas, neste caso, — perguntou Watson. — Quem o matou? Por que o assassinaram?

— Bem... — murmurou Leslie, pensativo. — Só resta a possibilidade de uma luta entre cúmplices.

— Eu também penso o mesmo — concordou Watson. — E agora temos de encontrar esse cúmplice.

Leslie fez um gesto de desânimo. O cúmplice de Guy podia ser qualquer pistoleiro, que a estas horas devia estar a muitas milhas de distância.

— Talvez alguns dos vaqueiros saibam de algo — sugeriu Happy. — Poderíamos interrogá-los...

— E por que vocês acham que foi realmente um amigo de Sanders quem o matou? — perguntou Mel.

— Não podemos esquecer que o capataz foi apunhalado pela frente, ou seja, foi morto por alguém em quem confiava...

Happy sorriu, concordando com as palavras de Leslie. Pouco depois, os oito vaqueiros do rancho foram interrogados. Apesar de responderem de boa vontade a todas as perguntas, nenhum dos homens sabia de nada que pudesse ajudar. Quando terminaram o interrogatório, Leslie virou-se para Lorna.

— Lorna, você não pode continuar aqui. Enquanto não soubermos quem é o assassino, você estará correndo perigo. Com a morte de Sanders a situação mudou, continuamos na estaca zero...

— Não posso abandonar o rancho — disse a jovem, visivelmente nervosa.

— Mas deve fazê-lo, pelo menos agora. Com os Stratford você estará segura.

— Você se preocupa com a minha segurança, Leslie?

— Sim... é claro!

— Por quê?

A pergunta ecoou no cérebro de Leslie... Por que? Ele havia lutado para demonstrar sua inocência, pensando em convencer Nelly. Mas, por ironia, a única pessoa que realmente não acreditava nele era a própria Nelly. Mas, agora, que já tinha certeza de que não lhe interessava o amor de Nelly, por que continuava lutando? Por que não abandonava aquele maldito lugar, onde, por tantas vezes, quase fora morto?

De repente, o jovem percebeu que demorava muito em responder a pergunta de Lorna. A jovem continuava a fitá-lo, ansiosa.

— Bem, Lorna... não sei. O que importa é que você deve me obedecer.

— Sim, Leslie — disse a jovem, sorrindo diante do evidente embaraço do rapaz.

Antes de ir embora, Lorna aproximou-se de Morley, dando-lhe um beijo no rosto.

Happy deu uma gargalhada.

— Pelo visto, nosso amigo já arranjou um novo amor.

Ao separar-se de Leslie, Lorna deteve-se diante do ex-capitão e de seus dois amigos, olhando-os com simpatia.

Um brilho de compreensão apareceu nos olhos de Watson, enquanto contemplava a garota, que se distanciava, indo em direção à sede do rancho.

# CAPÍTULO SEXTO

*Enfim, tudo se revela*

Os quatro homens cavalgavam em direção a Melwood. O dia não tardaria a amanhecer, e Leslie estava impaciente por chegar à cidade e descobrir a verdade.

— Já estamos chegando — disse Happy, apontando para as fracas luzes ainda acesas na cidade. — O único lugar onde poderemos conseguir algo, a estas horas, é no saloon.

Entraram na rua principal da cidade, cavalgando animados com a perspectiva de descobrirem algo, embora nem soubessem o que procurar. De repente, Leslie ficou tenso sobre a sela, apontando para um canto da rua e gritou:

— Olhem!

Um homem, cambaleante e com as duas mãos apertadas contra o peito, andava pela rua com uma expressão de terror nos olhos. Vinha em direção ao grupo de cavaleiros.

— Deve ser um bêbado — disse o "Caveira".

— Não, ele não está bêbado, mas tendo... — disse o jovem, desmontando e correndo em direção ao sujeito.

No momento exato em que Leslie desmontou, várias explosões encheram o ar. De quatro ou cinco lugares diferentes, apareceram várias línguas de fogo, que acompanhavam as explosões.

O homem que cambaleava parou de repente. Suas pernas não aguentaram mais o peso do corpo ferido e o sujeito caiu no chão, imóvel, de barriga para cima.

Leslie sentiu uma súbita queimadura no ombro esquerdo, sendo jogado ao solo. Apesar do ferimento, um sorriso apareceu em seus lábios, enquanto sacava os dois revólveres. Finalmente, os bandidos apareciam. Poderiam destruí-los numa luta aberta, o que era muito melhor do que continuar jogando no escuro, como tinham estado até então.

Deitado no chão, o jovem percebia os movimentos de Watson e seus dois companheiros, que já estavam disparando contra os misteriosos e traidores atacantes.

Uma sombra mexeu-se, escondendo-se na fina viga que sustentava o telhado de uma loja. Uma das armas de Leslie apontou naquela direção, e seu dedo puxou duas vezes o gatilho. A reação foi imediata: o pistoleiro deu um grito, largando sua arma, que usara traiçoeiramente, e se estatelou no chão.

Morley, no entanto, não ficou satisfeito por isso, pois, no mesmo instante, ouviu um outro grito às suas costas. Pela voz, o jovem pôde entender que Mel fora atingido.

Mas, o que Leslie não pôde saber, foi que o “Caveira” já não voltaria a acariciar as coronhas de suas armas, diante da proximidade de uma boa luta. Quando o corpo magro e ossudo do sujeito tocou o chão, ele já estava morto. Seu peito era uma enorme mancha vermelho-escuro, varado por dois balaços.

Watson foi o primeiro a perceber o que tinha acontecido ao bom Mel. Todo o seu corpo foi invadido por uma raiva incrível, e ele a transferiu para as pontas dos dedos que apertavam os gatilhos, enquanto seus olhos piscavam seguidamente.

O homem, que até então estava protegido atrás de um barril, correu para o meio da rua, disparando como um alucinado e buscando os inimigos, em seus próprios esconderijos.

Watson, porém, não era homem de se deixar atingir facilmente e, a cada novo disparo, mudava de posição, atirando-se ao chão e rolando sobre o próprio corpo. Não tardou em ouvir dois gritos distintos, do lado dos inimigos.

Um sujeito quis se aproveitar da coragem de Watson para meter-lhe um balaço no corpo. Mas foi extremamente infeliz em sua tentativa... Quando preparou seu revólver, apontando com precisão, um tiro soou, segundos antes do dele.

Leslie apertou o gatilho uma única vez, e a cabeça do sujeito foi destroçada, já que a bala lhe entrou pelo meio da testa, varando-lhe a cabeça.

Agora, os tiros eram mais esporádicos, e já não se ouvia o verdadeiro matraquear das armas, como no início. Leslie olhou o sujeito que continuava no chão. deitado no meio da rua principal de Melwood. Lentamente, arrastou-se em sua direção. Morley havia reconhecido aquele homem, embora, por causa da escuridão, não conseguisse identificá-lo. Viu que o sujeito estremeceu no chão, tendo certeza de que ele estaria vivo.

O penúltimo pistoleiro acabara de ser morto por Watson, e só restava um inimigo. A arma do ex-capitão estava descarregada, e Leslie e Happy deram-lhe cobertura, enquanto ele a remuniciava.

Uma verdadeira chuva de balas cobriu o barril onde o último pistoleiro se escondia. Isto impediu que o homem botasse a cabeça de fora, durante vários segundos. Quando o tiroteio cerrado diminuiu, o sujeito achou que era hora de revidar os tiros, e isto foi o seu fim...

Quando sua cabeça apareceu em cima da linha de proteção, ao mesmo tempo em que apareciam suas duas armas, Watson já havia carregado seu revólver. Disparou várias vezes seguidas, num desperdício de chumbo... já que o primeiro tiro acertara em cheio no meio do olho do bandido. Os outros balaços serviram como confirmação, já que deixaram o cadáver furado como uma peneira.

Watson abaixou lentamente sua arma, olhando o corpo do último dos atacantes traiçoeiros. Nesse momento, Leslie, com passos largos e apressados, aproximou-se do homem ferido, que continuava deitado, no meio da ma. Ajoelhou-se a seu lado, enquanto Happy e Watson aproximavam-se.

— Ele está vivo? — perguntou Watson.

— Sim. Mas não compreendo o que houve...

— Você o conhece?

— Sim, — disse Leslie. — É Eli Anderson, um dos mais ricos rancheiros da região. Não entendo por que tentaram matá-lo...

— Talvez tenha descoberto alguma coisa, e foi morto por causa disso. Se pudéssemos identificar estes pistoleiros que matamos... — comentou Happy, que agora se mostrava sério.

— Não adianta. Os pistoleiros devem ser novos por aqui, e mortos como estão não poderíamos saber quem os contratou. Vamos tentar fazer com que Anderson fale alguma coisa.

Eli Anderson estava muito fraco, por causa da quantidade de sangue que perdera. Não demoraria muito a morrer, pois os ferimentos que levava no corpo eram bastante sérios.

Quando Leslie começou a fazer-lhe perguntas, o rancheiro abriu os olhos.

— Não... sei por que... o fizeram...

— Você descobriu algo, Anderson?

— Sim... sim...

De repente, Anderson pareceu fazer um violento e derradeiro esforço, abrindo muito os olhos e dizendo:

— Morley! Lorna está...

A frase ficou incompleta. Antes de terminá-la, a boca do sujeito encheu-se de sangue, enquanto seus olhos vidravam-se e sua cabeça tombava para trás, morto.

— Morreu... — disse Leslie, ainda que não fosse necessária esta explicação.

— Bem... — disse Happy, coçando a barba do queixo — pelo visto, não conseguimos informação nenhuma.

— Pois eu acho que sim! — disse Watson, decidido, ajustando as cartucheiras e conferindo a munição de suas armas. Andando em direção ao seu cavalo, disse: — Vamos!

— Ei, espere...! Explique-nos o que... — tentou falar Happy.

Mas, com uma decisão estampada firmemente nos olhos, Watson já não o ouvia. Montou rapidamente na sela de seu animal e os outros dois fizeram o mesmo. Segundos depois, os três partiam num galope alucinado, afastando-se rapidamente daqueles cadáveres estendidos no meio da rua principal de Melwood.

* * *

Lorna colocou algumas roupas numa pequena maleta e preparou-se para obedecer às recomendações de Leslie. Não gostava de abandonar o rancho, mas compreendia que o rapaz tinha razão.

Apesar de não entender o motivo pelo qual já havia sido derramado tanto sangue, tinha certeza de que o cérebro que

se situava atrás dos acontecimentos devia ser o de um criminoso perigoso, que não se deteria diante de nenhum obstáculo.

Quando saiu da casa do rancho, alguns vaqueiros ainda comentavam os últimos acontecimentos da noite, falando animadamente. O cavalo de Lorna já estava preparado, à sua espera.

— Até logo, rapazes! Voltarei em pouco tempo... — disse a jovem, despedindo-se.

Ela não estava contente por abandonar o rancho. Afinal, havia nascido ali, ali vivera toda a sua vida..., mas sabia que era por pouco tempo, e que não havia outra alternativa, no momento. Por outro lado, os Stratford a receberiam muito bem, como sempre. Mas ela sabia que não poderia continuar assim, recorrendo aos Stratford, sempre que houvesse perigo...

Nesse momento, a imagem de Leslie veio à sua cabeça e a jovem sentiu-se alegre. Tinha absoluta certeza de seus sentimentos em relação ao jovem, e sabia que não lhe era indiferente. Vira a expressão dos olhos dele, quando conversavam...

Bem, mais isto viria no momento certo. Agora, Lorna aproveitou para respirar profundamente o fresco ar da madrugada, enchendo os pulmões e tentando tranquilizar-se.

Pouco depois, viu a casa do rancho dos Stratford. Sabia que sua chegada causaria surpresa, já que ninguém a estaria esperando, àquela hora da madrugada. Desmontou do cavalo, observando que havia luz em um dos quartos, precisamente o de Nelly.

— Nelly... Nelly! — chamou a jovem, gritando sob a janela.

Alguns minutos depois, o rosto surpreso de Nelly apareceu na janela, olhando a jovem e recebendo-a.

— Lorna... o que houve?

— Algo horrível...

— Bem, eu vou abrir, não fique aí fora — disse Nelly, desaparecendo da janela do quarto e vindo para a sala abrir a porta para a jovem.

Sentada na sala, Lorna explicou todos os acontecimentos das últimas horas para sua amiga. Falou do roubo do gado e da intervenção de Leslie, que acabaram impedindo a realização do roubo. Terminando, Lorna disse:

— E o pior de tudo, Nelly, foi que assassinaram Guy Sanders, meu capataz, e nós não sabemos...

A garota interrompeu sua frase, assombrada com a expressão facial de Nelly. Ela estava pálida, com os músculos do rosto tensos, numa careta horrível. Seu corpo ficou igualmente tenso e um estranho ronco saiu de sua garganta.

— Como? Como disse? — perguntou, com os olhos quase saltando das órbitas.

— Eu... já lhe disse... — gaguejou Lorna, recuando, sem entender o que se passava com a jovem.

— Desgraçados! Malditos! — berrou Nelly, histérica. Mas, em um segundo, ficou novamente calma e tranquila, encarando Lorna com um brilho perverso no olhar. — Sim... ele morreu, e você também morrerá, queridinha...!

Nelly interrompeu sua frase, ao ouvir o ruído de um cavalo que se aproximava da casa. Sem se preocupar com suas roupas, pois vestia-se somente com uma leve camisola, a jovem correu para um armário existente na sala, tirando um pesado revólver de uma das gavetas. Com a arma empunhada, virou-se para a porta.

Bob Stratford, o bom homem, apareceu no vão da porta. Tinha uma expressão de ódio no rosto e estava visivelmente preocupado com algo. Lorna continuava em seu canto, pálida e trêmula, encostada na parede. Bob não a havia visto e, por isso, disse para sua filha, que continuava apontando-lhe a arma.

— Fracassamos, Nelly! Este desgraçado do Morley estragou todos os meus planos... Para completar, agora há pouco ele acabou com cinco dos meus melhores pistoleiros, na cidade.

Nelly continuava encarando o pai, olhando-o friamente, sem responder. Stratford reparou, finalmente, na estranha atitude de sua filha.

— Mas... o que você está fazendo aqui, com esse revólver? — perguntou.

— Você me enganou, pai! — disse a jovem, com fria determinação. — Por que você assassinou Guy? Você sabia perfeitamente que eu o amava! Você tinha prometido que me deixaria casar-me com ele, assim que o "Dalton's Ranch" fosse seu!

Lorna, ainda em seu canto, mordeu os lábios para evitar um grito de pavor. Por seu lado, Stratford sorriu cinicamente, dizendo para a filha:

— Bah! Esqueça-se disso, Nelly! Afinal, Sanders tinha se convertido num cúmplice perigoso, já que estava levantando muitas suspeitas. Além disso, de tanto fingir, ele estava acabando por se apaixonar de verdade por Lorna. Por isso, mandei um dos pistoleiros matá-lo.

— Isto não é verdade, pai! Guy me amava, e só por isso ele concordou em matar o velho Dalton. Porque você tinha prometido que nós nos casaríamos... Eu também fingi gostar de Leslie Morley, para depois lançar-lhes a culpa da morte de Dalton...

Lorna apavorava-se cada vez mais, ouvindo aquela conversa entre pai e filha. Apesar de se controlar, não pôde evitar um gemido de aflição. Stratford ouviu-a, virando-se rapidamente para ela.

O canalha ficou pálido, olhando fixamente para a jovem, que o encarava, morta de medo.

— Você...? Aqui...?

— Sim! — gritou Lorna, não conseguindo mais conter-se. — Assassino! Você é o culpado de tudo, assassino!

— Nelly... — disse Stratford, olhando para sua filha com ar repreensivo. — Você falou tudo isso, sabendo que Lorna estava aqui? Agora, teremos de matá-la, também...

— O que me importa isso? — gritou Nelly. — Eu a teria matado, de qualquer maneira.

Stratford olhou Lorna, pensativo. Agora, a expressão daquele homem era a de um louco homicida.

— Podem matar-me! — disse Lorna. — Mas Leslie saberá quem me matou e me vingará!

Stratford, resolvendo não perder mais tempo, sacou sua arma, engatilhando-a e apontando-a contra o corpo da jovem, mas seu dedo não chegou a pressionar o gatilho, pois uma explosão encheu o ar da sala, fazendo que com que o revólver pulasse da mão e caísse. Assombrado, o homem olhou para trás.

— Leslie!

— Você!

Morley, ainda com o revólver fumegante na mão, pulou a janela da qual atirara. Estava protegido pelas armas de Watson e Happy, que apontavam contra pai e filha. Junto com os três, havia mais dois homens.

— Nós ouvimos tudo. Stratford — disse Leslie, com raiva. — Agora, nada poderá livrá-lo de pagar por seus crimes!

Um pesado silêncio tomou conta do local. Lorna correu para junto de Leslie, refugiando-se em seus braços.

Stratford, com os olhos injetados, encarava fixamente o jovem, que não deixava de lhe apontar a arma.

— Bem, creio que perdi... — disse, por fim. — Se não fosse por você, eu seria o dono do "Dalton's Ranch", o rancheiro mais importante de todo o território...

— Você matou o velho Dalton só por causa disso?

— Sim, ele sempre se negou a vender-me o rancho, e eu não me conformava. Por isso, decidi matá-lo. Sanders se casaria com Lorna e ficaria viúvo em pouco tempo. Depois, ele se casaria com minha filha, mas... o imbecil não conseguiu manter-se firme até o final...

Leslie esforçava-se por controlar seus desejos de matar aquele homem ali mesmo, com suas próprias mãos.

— Eu servi para ser acusado da morte de Dalton, não foi? — perguntou Leslie, trêmulo de ódio. — Mas por que, depois da morte de Dalton, vocês continuaram roubando gado do rancho dele?

— Bem, — falou Bob, cinicamente. — Lorna insistiu em continuar no rancho, sozinha. Eu tentei convencê-la a vender-me o rancho, mas ela não aceitou. Por isso começamos a lhe roubar gado, mostrando que ela não era capaz de controlar tudo sozinha. Desta forma, dávamos força a Sanders, que insistia em se casar com ela.

Dessa vez, Leslie não conseguiu se controlar. Afastou suavemente o corpo de Lorna do seu, andando em direção a Stratford. Meteu-lhe uma violenta porrada no meio da cara, derrubando-o e jogando-o a vários metros de distância, com o nariz ensanguentado.

Nelly, que continuava com o revólver na mão, levantou a arma, apontando-a para aquele homem que batia em seu pai. Mas, no momento exato em que ia disparar, Watson,

que observava seus movimentos, jogou-se sobre ela, derrubando-a e caindo sobre seu corpo.

Mesmo assim, a jovem apertou o gatilho. Um atrás do outro, disparou todos os projéteis da arma, até que o tambor ficou completamente vazio. A cada novo disparo, todo o corpo de Watson estremecia, enquanto seu rosto se contraía numa careta de dor.

Quando a arma ficou inútil, Nelly, com um brilho de ódio nos olhos, jogou-a contra Leslie, que contemplava aquela cena como se estivesse hipnotizado.

Watson estava ajoelhado no chão, com as duas mãos apertando a barriga. Seu rosto estava pálido, enquanto ele tentava aguentar a intensa dor que sentia. Happy, correndo, agachou-se ao seu lado, amparando-o.

— Watson! — gritou o homem, apavorado.

— Deixe-me... não... é na... da...

Mas Happy sabia que Watson estava morrendo. Leslie também compreendeu isso, ao ver sua expressão.

O companheiro de Watson levantou-se, encarando a jovem assassina com um ódio mortal.

— Ele não podia disparar contra uma mulher..., mas eu posso! — disse Happy sacando sua arma.

Mas, antes que o gatilho cia arma de Happy tosse acionado, Stratford, que continuava no chão. sacou sua arma e disparou três vezes contra o homem que ameaçava sua filha. Um só tiro atingiu o alvo. pois os outros dois saíram completamente desviados.

Stratford morreu atirando. As seis balas do revólver de Morley, estouraram-lhe os miolos, impedindo-o de matar Happy.

O companheiro de Watson recebeu um tiro de raspão no ombro direito. Mas isto não lhe impediu de apertar o

gatilho, enviando dois balaços contra o peito de Nelly, que caiu ao chão, com um grito de morte.

Quando a fumaça de pólvora se dissipou no ambiente, as duas pessoas que tinham ficado do lado de fora, como testemunhas, entraram na casa.

— Nunca poderia ter imaginado isso, Morley — disse um deles, contemplando a macabra cena.

— Nem eu, senhor juiz. Depois que ouvimos as palavras de Anderson foi que tivemos a idéia de trazermos testemunhas para aqui. Se não tivéssemos buscado o senhor e Evans, ninguém acreditaria que Stratford era o assassino.

— Fez muito bem, Morley — disse Evans, o dono do armazém. — Eu nunca acreditei em sua culpa, mas também não acreditaria na culpa de Bob Stratford e Nelly...

Entretanto, Happy havia se ajoelhado ao lado de Watson e agora fazia um sinal para que Leslie se aproximasse.

— Ainda está vivo... — disse Happy. — Mas acho que não poderemos fazer nada para salvá-lo.

— Mas devemos fazer algo, Happy. Poderíamos chamar o médico e...

Leslie parou de falar, ao ver que Watson havia aberto os olhos e o encarava fixamente, enquanto balançava a cabeça.

— Não... é preciso — balbuciou o moribundo.

— Mas talvez pudéssemos fazer alguma coisa, Watson...

— Meu nome não é esse, rapaz... — sorriu o ferido. — Eu me chamo, na verdade, Brian Morley...

O único que ficou realmente surpreso foi Leslie. Assim que compreendeu o significado das palavras daquele homem, o jovem ficou pálido. Lorna, que também se havia

aproximado, pousou uma mão sobre o ombro de Leslie, dizendo-lhe:

— Ele é seu pai, Leslie... Percebi isto, assim que vi os dois juntos, no meu rancho.

Agora, o jovem compreendia muitas coisas... A proteção que Brian lhe dava, a atração que o rapaz sentia por aquele homem...

— Pai... por que não me disse antes?

Mas Brian Morley já não podia mais responder às perguntas do filho. Happy havia perdido qualquer vestígio do riso fácil, e seu rosto era uma máscara de tristeza.

Ele e Leslie olhavam fixamente para o cadáver.

— Você também sabia, Happy? — perguntou o jovem.

— Não, mas já imaginava.... Vocês dois se parecem demais...

— Sim... e você sabe algo sobre minha mãe?

— Não! — mentiu Happy, que conhecia a estória do ex-capitão. Ele sabia que a mulher de Brian havia fugido, quando o filho não tinha mais do que seis anos de idade..., mas para que contar aquilo a Leslie?

Lentamente, os três se levantaram. Lorna olhou para Leslie. Os grandes olhos da jovem estavam úmidos e ela se abraçou ao peito do rapaz.

Happy tratou de carregar o cadáver de Brian, saindo da sala acompanhado de Evans e do juiz. Sem pronunciar uma só palavra. Leslie puxou Lorna para fora dali, iniciando um passeio pelo terreno do rancho, sob a tênue luz do sol, que começava a aparecer.

— Oh, Leslie... tudo foi tão horrível...!

Morley parou, de repente, segurando Lorna pelos ombros e obrigando-a a encará-lo. Logo, vendo o brilho ardente de seus olhos, disse:

— Isto tudo já ficou para trás, Lorna... Agora, daqui para a frente, só existe você e eu. Vamos começar uma nova vida, juntos, longe de tudo o que aconteceu...

Como única resposta, a jovem levantou o queixo, oferecendo sua boca ao homem, que a beijou apaixonadamente.

***FIM***

A seguir: SOMBRA DO VINGADOR
Não perca!

## REEMBOLSO POSTAL ● Pedidos de Livros

Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 6 livros. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.
Não esquecer de relacionar as coleções e os números que deseja receber.

Nome:.....

Endereço:.....

Cidade:.....Estado:.....

Código de Endereçamento Postal:.....

### ATENÇÃO:

Não mande nada adiantado! Só pague ao receber os livros! E não se esqueça de apanhar a sua encomenda tão logo receba o aviso do Correio

### MENSALISTA

Procure receber mensalmente os seus livros, como mensalista, pelo nosso Serviço de Reembolso Postal. Cartas para:

EDITORA MONTERREY LTDA.
Caixa Postal nº 24.119
20550-050 - Tijuca - Rio de Janeiro

### IMPORTANTE:

Os leitores residentes no Rio de Janeiro podem adquirir os números atrasados em nossos escritórios, pelo preço da última edição em banca, à Rua Visconde de Figueiredo nº 81, Tijuca, de 2ª a 6ª feira, no horário de 8:00 às 13:00 e das 14:00 às 17:30 horas

## Publicações da Editora Monterrey em português:

Coleção CHUMBO GROSSO.....Bangue-Bangue
Coleção CHUMBO MORTAL.....Bangue-Bangue
Coleção CHUMBO QUENTE.....Bangue-Bangue
Coleção FERAS DO OESTE.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE BARRA PESADA.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE BEIJO E BALA.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE BRUTAL.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE CARGA DUPLA.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE PERIGOSO.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE PRA VALER.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE PROIBIDO.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE VERMELHO.....Bangue-Bangue
Coleção OESTE VIOLENTO.....Bangue-Bangue
Coleção TIROTEIO.....Bangue-Bangue

## Publicación da Editora Monterrey en español:

Colección TEMAS DEL OESTE.....Oeste

## REEMBOLSO POSTAL

Avisamos aos nossos leitores que devido ao alto custo da Tarifa Postal, somos obrigados a atender somente pedidos cuja quantidade mínima seja de 6 (seis) livros pelo Reembolso Postal

Os leitores interessados em receber nossos livros como MENSALISTAS, também terão que fazer pedidos mínimos de 6 (seis) livros por mes.

Não esquecer de relacionar as coleções e a partir de quais números deseja receber nossos livros

# É EXTRAORDINÁRIO!!!

**Amigo Leitor:**

Você não pode perder o novo lançamento que a Editora Monterrey preparou especialmente para o começo deste ano: MILAGRES PELA ORAÇÃO.

É um livro inédito e diferente, que traz dezenas de orações maravilhosas e comprovadamente infalíveis, em vários idiomas. Com este livro em casa, você poderá resolver problemas pessoais seus e de seus conhecidos, usando-o como um instrumento de fé. Obtenha alívio, saúde e paz pela oração. E afaste para longe de si e dos seus, os espíritos negativos e perturbados que roubam a felicidade.

Não perca os sensacionais lançamentos que a Editora Monterrey fará para este ano. Aí vêm livros incríveis.

E além das tradicionais histórias de faroeste, guerra e espionagem, você pode pedir ao seu jornaleiro também a COLEÇÃO POLIGLOTA, de idiomas, e brevemente, uma novíssima coleção que, temos certeza, despertará a curiosidade do leitor. Este ano, a Editora Monterrey vai soltar os bichos!

**O Editor**

*▬*

PEÇA HOJE MESMO AO SEU JORNALEIRO.

**EDITORA MONTERREY**

**PREÇO DESTE EXEMPLAR: R$ 1,80**